



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO**  
**COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

**DAVI OLIVEIRA BOAVENTURA**

**O MAIS LONGO DOMINGO DE NOVEMBRO:**  
**A PIOR TRAGÉDIA DO ESPORTE BAIANO SOB A ÓTICA DE UM**  
**INCRÉDULO ESTAGIÁRIO**

Salvador

2009

**DAVI OLIVEIRA BOAVENTURA**

**O MAIS LONGO DOMINGO DE NOVEMBRO:  
A PIOR TRAGÉDIA DO ESPORTE BAIANO SOB A ÓTICA DE UM  
INCRÉDULO ESTAGIÁRIO**

Memória descritiva do livro-reportagem “O mais longo domingo de novembro – a pior tragédia do esporte baiano sob a ótica de um incrédulo estagiário”, apresentada como requisito final para obtenção do grau de bacharel do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Malu Fontes

Salvador

2009

## AGRADECIMENTOS

Embora no alto da página conste apenas o meu nome, este trabalho não chegaria ao fim sem as informações, incentivos, comentários e críticas de Gabriel Costa, Nelson Barros Neto, Cláudio Silva, Paulo Oliveira, Felipe Paranhos, Alan Dias, Tássia Correia, Diego Mascarenhas, Eric Luís Carvalho, Aguirre Peixoto, Lucas Fróes, João Senna, Tamires Fukutani, Theônio Freitas e Karlo Dias. A todos, meus agradecimentos mais sinceros.

Ele seria igualmente impossível sem a ajuda de algumas pessoas às quais eu gostaria de fazer um agradecimento especial.

A Malu Fontes, por ter me abrigado como seu orientando mesmo com todas as dificuldades que a gestação do projeto apresentou, dando-me conselhos valiosos e tornando o trabalho muito mais tranquilo e prazeroso de ser feito;

A Jônathas Araújo, pela ajuda incrível em todos os momentos do trabalho, avaliando o texto, diagramando o produto e acompanhando-me na impressão;

A Danilo Hausen Melo, pela paciência, dedicação e amizade, mesmo em um tempo de prazos minúsculos;

A Breno Fernandes, por me fazer acreditar na literatura quando ela me parece cada vez mais distante;

A Fernanda Caldas, pelo carinho, companheirismo, amizade e amor, fazendo com que todos os momentos difíceis pareçam extremamente fáceis;

A Lenilde Oliveira e Beraldo Boaventura, meus pais, por toda a formação que me deram e pela força de me segurar nas inúmeras vezes que fraquejei.

A eles, um agradecimento eterno.

## RESUMO

No dia 25 de novembro de 2007, a poucos minutos do fim do empate sem gols entre Bahia e Vila Nova (GO), uma parte do piso da arquibancada superior da Fonte Nova cedeu sob a ação de uma ensandecida torcida que comemorava a ascensão do Tricolor baiano para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro. Dez pessoas despencaram de uma altura de 15 metros, equivalente a um prédio de cinco andares. Seis delas morreram na queda. Uma sétima vítima faleceu a caminho do hospital. *O Mais Longo Domingo de Novembro – A pior tragédia do esporte baiano sob a ótica de um incrédulo estagiário* é um livro-reportagem que busca mostrar a fundo o que aconteceu naquele dia, tendo como foco narrativo um inexperiente repórter que então enfrentava a sua primeira grande cobertura jornalística, o que fez da experiência vivida um marco reflexivo sobre sua posição na profissão.

**Palavras-chave:** comunicação; jornalismo literário; jornalismo esportivo; livro-reportagem; futebol.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b>	6
<b>2. O CULTO À BOLA</b>	8
<b>2.1.: Do Amadorismo ao Esporte Mais Rico do Mundo</b>	14
<b>2.2.: Os Palcos do Futebol Baiano</b>	24
<b>3. OS DOIS CAMPOS DE JOGO</b>	29
<b>3.1.: Jornalismo Esportivo</b>	29
<b>3.2.: Jornalismo Literário</b>	35
<b>4. PROCESSO DE TRABALHO</b>	40
<b>5. APITO FINAL</b>	44
<b>6. BIBLIOGRAFIA</b>	46

## Apresentação

É curioso notar os caminhos tortuosos que certos projetos percorrem para serem realizados. Durante toda a minha graduação, a fotografia sempre foi o meu ambiente predileto. Principalmente, após minha entrada como monitor no LabFoto – UFBA, onde passei cerca de dezoito meses às voltas com químicos diluídos, salas escuras e alunos desesperados, alguns até em prantos por causa de um filme mal revelado. Diante disso, em meados de 2007, uma certeza incontestável dizia que meu Trabalho de Conclusão de Curso seria um ensaio fotográfico, no caso, um retrato abstrato do mundo dos skatistas de Salvador. Comprei livros sobre o assunto, fiz uma dezena de imagens-testes, conheci alguns praticantes e até levei uns tombos tentando aprender a me equilibrar sobre a prancha. Dois anos e muitos machucados depois, me vi deprimido, confuso e desiludido com o trabalho, cuja única qualidade era justamente a honestidade em expor essa minha frustração de maneira objetiva.

Desistir da ideia me pareceu o passo mais lógico a se tomar, mas aí é que se revelou a verdadeira incógnita da questão, já que eu não tinha a menor noção do que fazer. Perdi a conta de quantos planos mirabolantes passaram pela minha cabeça no período. Todos tão incoerentes que uma simples conversa bastava para escancarar suas fragilidades, e não ajudava em nada ver que muitos de meus amigos se encontravam na mesma situação. Meus pais, coitados, temeram que eu pensasse em abandonar a faculdade – um medo, devo admitir, bastante justificado.

Beirando o desespero, resolvi dar uma chance a um projeto bastante pessoal, surgido em meio a conversas no sofá da Rádio Facom, onde passei alguns meses extremamente gratificantes como bolsista, mas que eu havia posto para escanteio por não achá-lo condizente com a academia. A ideia era simples. Expor da maneira mais sincera possível o que eu havia visto e vivido enquanto estagiário da Agência A Tarde durante o episódio conhecido como *Tragédia da Fonte Nova*, tentando com isso escrever a reportagem que eu gostaria de ter escrito naquele dia, e que por motivos diversos passei longe de escrever. Tarefa difícil, me alertaram. Muito já havia sido dito sobre o assunto. Cadernos inteiros, para ser mais exato, todos produzidos por dezenas de profissionais muito mais rodados do que eu.

Veio então a polêmica sobre a obrigatoriedade do diploma para os agentes da imprensa, assunto que, no meu entendimento, não delibera apenas sobre o papel do jornalista na sociedade, mas questiona a própria formação educacional do profissional, de fato a questão

que mais domina a cabeça do estudante ao fim de um curso universitário. Só aí percebi que meu projeto, negando o que eu havia imaginado a princípio, por revelar em certos momentos justamente a importância que a bagagem teórica tem em um momento no qual as habilidades práticas estavam sendo testadas sob nível máximo de pressão, tinha na verdade a universidade como seu espaço privilegiado, já que só ela abre terreno verdadeiramente amplo para este tipo de exercício reflexivo.

Desta vez, não desisti do projeto, pelo contrário, me empolguei cada vez mais, e o resultado é este trabalho que chega agora à sua conclusão. Este memorial é uma tentativa de esclarecer as direções tomadas para confecção deste produto, mostrando os recortes e escolhas que levaram à estrutura do texto final. O objetivo, assim, é delinear o processo de construção de uma narrativa jornalística pautada por características literárias, sabendo, é claro, das limitações teóricas que nos são pertinentes. Inicialmente, no entanto, para que possamos compreender a real dimensão da tragédia, e para demarcar o quadro complexo que a circunda, vamos buscar um rápido panorama do universo referencial ao qual o nosso trabalho se reporta. Deste modo, o desenvolvimento desta análise se dará em três núcleos distintos:

*O Culto à Bola*, um relato enfocando as leituras críticas de diversos autores sobre o futebol, destacando seu papel visceral na sociedade moderna. Este momento também servirá para uma descrição da trajetória histórica do futebol, partindo desde a sua criação na Inglaterra do século XIX até a mediatização fulminante dos tempos atuais, passando ainda pelas particularidades do jogo em terras baianas;

*Os Dois Campos de Jogo*, uma exposição sobre os gêneros jornalísticos de onde *O Mais Longo Domingo de Novembro* tira o seu lastro teórico, a imprensa esportiva e o jornalismo literário, apontando as propriedades, hábitos e comportamentos destas áreas. Não pretendemos, é claro, abarcar toda a história das duas correntes, mas elencar os momentos e autores que ajudaram a delinear o perfil no qual nos inserimos;

*Processo de Trabalho*, uma descrição das etapas fundamentais para a realização do projeto, assinalando o modo como se deu a aproximação ao objeto, as seleções necessárias para garantir a evolução da redação, a metodologia utilizada e os questionamentos levantados durante todo o desenvolvimento do produto. É um segmento, de certa forma, bastante pessoal, mas que procura elucidar de maneira realista o funcionamento interno de um trabalho desta natureza.

## O Culto à Bola

É difícil imaginar um esporte tão presente no cotidiano mundial quanto o futebol. Em todos os continentes, suplantando até mesmo ditaduras e dogmas religiosos, ele hipnotiza e emociona centenas de milhões de pessoas em um processo de massificação à beira do absurdo, ao ponto da sua principal organização, a Fédération Internationale de Football Association (FIFA), possuir mais associados que a própria ONU.<sup>1</sup> Esta popularidade, entretanto, demorou muito para se traduzir em reflexão sobre o assunto, lacuna que em terras brasileiras foi parcialmente resolvida apenas recentemente.<sup>2</sup>

Neste terreno, a maneira como se dá a aproximação ao esporte é constantemente apontada o grande responsável por isso. Como afirma José Miguel Wisnik (2008), “viver o futebol dispensa pensá-lo, e, em grande parte, é essa dispensa que se procura nele”. Seria, então, um tipo de matéria cuja apreciação, em larga medida, se constrói independente de qualquer estrutura cognoscitiva, instalando-se no âmbito dos elementos primários do homem, um entendimento que constantemente provoca censuras ao esporte. Na visão dos críticos, este modo de apropriação do futebol alimenta sua natureza alienante, afastando o sujeito do pensamento crítico, da reflexão e da contestação, dificultando transformações políticas e sociais. O ópio do povo, para utilizar um jargão corrente, que, no fim, se mostraria como mero pretexto para fuga da realidade. Esta concepção, contra-argumenta Franco Júnior (2007), embora contenha alguma dose de razão, como a história se encarrega de provar, é duplamente reducionista. Primeiro, por negar o caráter representativo do esporte, em termos semelhantes aos dos filmes, da literatura e das artes em geral, credenciando-o enquanto fonte genuína de lazer e diversão. Segundo, porque exclui diversos outros usos possíveis do esporte, até mesmo de resistência, como foi o caso das manifestações pró-democracia do elenco do Corinthians no início da década de 80.

Para nós, a discussão, tal qual uma briga de bar por causa de um gol anulado, é um caminho sem fim, e foge aos propósitos do trabalho, já que nossa análise na verdade parte da

---

<sup>1</sup> São 208 filiações da confederação esportiva contra 194 do órgão político. É claro que há aí uma discrepância enorme nas exigências de cada organização. Ao contrário das Nações Unidas, a FIFA aceita afiliados de países ainda não reconhecidos internacionalmente, como é o caso da Palestina, sócio da entidade desde 1998. Há também arranjos estratégicos para facilitar a disputa das competições, como o acerto que coloca Israel como parte da Europa, e não do Oriente Médio. Este alargamento da base operacional se reflete em números. Em 2008, o patrimônio da FIFA alcançou 902 milhões de dólares, segundo o site da entidade.

<sup>2</sup> Apesar do número absoluto de títulos ter aumentado consideravelmente nas livrarias, a esmagadora maioria dos trabalhos é ainda de compêndios sobre clubes específicos, coletânea de crônicas e biografias de jogadores.



necessidade de entendermos o esporte por sua ótica *interna*, nos dando, assim, mecanismos para dimensionarmos a representatividade entre os torcedores de uma tragédia como a ocorrida na Fonte Nova. De concreto, porém, a contenda, nos deixa a certeza da importância que o componente *sentimento* possui no mosaico complexo no qual o futebol se insere.

Trata-se, sem dúvida, de uma área na qual a emoção se apresenta o principal elemento de atração. Romanticamente falando, trata-se de uma atividade visceral que “desperta na pessoa um sentimento virtuoso que transcende a amizade, que vai além do amor e culmina no santo desvario da paixão” (NOGUEIRA, 2003, p. 119), e leva a uma relação tão duradoura entre torcedor e clube que chega a ser percebida como o único casamento realmente eterno.<sup>3</sup> De fato, a fidelidade ao time transcende as quebras, mazelas, mágoas e ressentimentos de qualquer relacionamento típico. “É possível, frequente mesmo, criticar o time, os dirigentes, as instalações esportivas, outros torcedores do clube, porém o clube em si permanece intocável enquanto projeção de diversos sentimentos” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 270).

Tal “casamento”, assinala Franco Júnior, além de fundamentar a forma como o indivíduo é capturado pelo esporte, se constitui um fator preponderante na construção da identidade pessoal do torcedor, integralizando-o em um “nós” cuja representação denomina, grosso modo, a personalidade do sujeito e termina por sustentar a forma como o outro o reconhece. Vestir a camisa do time garante assim a transferência ao seu portador de uma série de pressupostos já consagrados ao longo da história, como a valentia dos gremistas ou a persistência dos corinthianos, em um processo que passa de uma geração para a seguinte.<sup>4</sup> Desta forma, as cores dos uniformes, antes entendidos em sentido restrito (verde da natureza, vermelho da força, branco da pureza), ganham significação sociológica e psicológica. Diante desta perspectiva, “torcer por um clube é reforçar ou ganhar certa identidade por oposição a outras. É optar por polaridade que realimenta outras formas de rivalidade. Os seguidores de cada clube têm veste, hino e cânticos próprios, o que atribui a uma massa heterogênea do ponto de vista sociocultural uma identidade comum” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 321). Identidade que, vale lembrar, quando atizada por motivações grupais e sociais, se torna objeto de defesa constante, “às vezes, furiosa e desesperadamente” (WISNIK, 2008, p.34).

---

<sup>3</sup> Definição dada por Gabriel Costa (nome original modificado a pedido da personagem) em entrevista realizada por mim na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia em 2 de agosto de 2009.

<sup>4</sup> A maioria das paixões futebolísticas começa através da oposição ou influência dos pais ou de parentes próximos. Nelson Barros Neto, em entrevista realizada por mim na recepção do jornal A Tarde no dia 14 de agosto de 2009, mostra que esta situação em geral acontece a partir de um fato aparentemente inocente. “Todo mundo fala que começa a torcer desde que nasceu, e comigo não foi diferente. Meu pai diz que já colocava uma minha do Bahia desde cedo no meu berçário”.

O outro lado desta moeda seria a assunção de que há uma reciprocidade na identificação. Em outras palavras, há também o entendimento que, da mesma maneira que o futebol caracterizaria as comunidades a ele relacionadas, sua organização e estrutura seriam uma excelente fonte de informação acerca da sociedade e da cultura onde o esporte se desenvolve (HORNBY, 2000; FRANCO JÚNIOR, 2007). Por conseguinte, o futebol enquanto jogo personificaria um espelho do cotidiano circundante, cuja presença se faria notar diretamente na administração dos campeonatos, nas manifestações das torcidas, nos ânimos dos estádios, nas reportagens da imprensa, nas políticas de contratações e na relação com a publicidade.

Esta “força social”, no entanto, tem o seu maior destaque na influência decisiva sobre o próprio comportamento dos jogadores (em campo e extracampo), o que Wisnik, citando Chico Buarque, chama de dicotomia entre *os donos do campo* e *os donos da bola*. Os primeiros, mais ligados a países com mentalidades estratégicas, geralmente ricos, tendem a trabalhar o esforço coletivo, privilegiando os sistemas táticos e o domínio dos espaços; os últimos, oriundos de populações de *sangue quente*, em sua maioria periféricas, enfatizam o lance individual, o improvisado, a coragem isolada do jogador, sempre tendo a bola sob um controle apaixonado.

É esta distinção que nos permite nos falar em *escolas*, sendo a brasileira, pautada pelos movimentos ágeis, pelas jogadas inesperadas e pela criatividade, a mais famosa e vencedora, seguida de perto pelos defensivos italianos e pelos pragmáticos alemães. Pasolini, famoso cineasta italiano que se debruçou sobre o tema no início da década de 70, chegou mesmo a enxergar nesta diferenciação de estilos uma espécie de linguagem, concretizando a diversidade de posturas sob os termos da prosa e da poesia, ainda que não quisesse com isso afirmar a superioridade de uma em detrimento da outra, “e pontuava genericamente suas gradações, passando por aquilo que ele via como a *prosa realista* de ingleses e alemães, a *prosa estetizante* dos italianos e a *poesia* sul-americana, chegando por todas essas vias ao delírio universal do gol, que suspende as oposições porque é necessariamente um paroxismo poético” (WISNIK, 2008, p. 14).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Interessante notar o período em que esta observação se dá, a década de 70, época em que o mundo acabara de se maravilhar com o jogo refinado da seleção brasileira tricampeã no México e entrava em um momento de pragmatismo simbolizado pela equipe germânica vencedora da Copa do Mundo de 74 e pela entrada do esquematismo financeiro-tecnista no futebol europeu (Cf. item 1.2).

Contudo, essa disposição, observa Wisnik, apesar de sedutora do ponto de vista retórico, possui um alcance limitado já que, preso ao binômio literário, não pressupõe as matizes mutantes de cada categoria-estaque, onde prosa e poesia adquirem características do seu oposto, assim como tampouco analisa a coexistência de ambas vertentes dentro da mesma equipe.<sup>6</sup> O futebol, continua o professor paulista, é na realidade um esporte muito mais amplo e polifônico, comportando “múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo” (WISNIK, 2008, p.14). Sua narratividade aberta permite intervalos lentos seguidos por jogadas abruptas, perdas de bola constantes, a catimba, a brincadeira, o desperdício, os chutes objetivos. Em resumo, uma série de reviravoltas que, a cada partida, brinca com os ânimos do torcedor, levando-o da euforia à melancolia (ou vice-versa) em uma fração de segundo para, no instante seguinte, criar nova significação para toda a experiência por um viés inteiramente diverso.

Com isso, não é de se espantar a afirmação constantemente repetida em rodas de bar de que *o futebol é uma caixinha de surpresas*, pressupondo uma falta de lógica expressa na constatação que, nele, o melhor nem sempre é o campeão, ao contrário do que é corrente em esportes como basquete, vôlei ou futebol americano. Para Wisnik, entretanto, esta aparente incoerência esconde a real sistemática do futebol, que seria na verdade regido por lógicas distintas que se cruzam, se alternam, se complementam e entram em disputa:

- *lógica aristotélica*: partindo do princípio que se algo é A ou não-A, não pode haver um terceiro elemento, assim, o código de regras, composto de 17 postulados, busca elucidar toda e qualquer dúvida acerca das particularidades do jogo, enquadrando-as em molduras inequívocas;
- *lógica transcendental*: para que uma infração seja definida enquanto A ou não-A, ela precisa ser analisada pela decisão de um sujeito que está inserido no jogo sem que seja um participante ativo, o juiz;
- *lógica da dialética*: a posição contraditória ocupada pelas duas equipes em busca do resultado, assinalando que, para se ter a afirmação (vitória) de um time, o outro precisa

---

<sup>6</sup> Tomando como exemplo o time titular do Barcelona (Espanha) que disputou a primeira rodada do principal torneio interclubes da Europa, a Liga dos Campeões, encontramos sete escolas coexistindo dentro da mesma equipe, o que se configura a partir da presença de quatro espanhóis, dois franceses, um brasileiro, um argentino, um sueco, um malinês e um de Costa do Marfim.

ser negado (derrotado), o que termina por afirmá-lo, impondo a máxima de que um grande clube não existe sem um grande adversário;

- *lógica da diferença*: dada pela presença indissociável do acaso<sup>7</sup> no jogo, assim como pela possibilidade de interferência nas partidas por fatores emocionais, físicos, culturais e aleatórios;

Neste sentido, Wisnik (2008) e Franco Júnior (2007) entendem que, por seu caráter vasto, impreciso, surpreendente, dramático e inconstante, e pela interminável sequência de narrativas possíveis, onde o avanço numérico é somente um complemento da ação, o futebol se abre mais do que qualquer outro esporte para ser visto como metáfora da própria vida, revelando ao vivo todo o espectro da natureza humana. E, assim, apresentar-se-ia como “uma zona de contatos lúdicos, primária e refinada, física e metafísica, que desafia e desencadeia o desnudamento da existência autêntica” (WISNIK, 2008, p.15). Uma propriedade que faz com que, para falar nos termos artísticos propostos por Pasolini, ele possa ser percebido como o correspondente moderno da tragédia grega. Com efeito, segundo Franco (2007, p.386-387), a tragédia possui seis propriedades diretamente identificáveis no futebol.

Primeira, a combinação dos feitos, que é “a alma da tragédia”, gênero poético maior porque não imita homens, e sim ações. No futebol isso corresponde ao jogo propriamente dito, que, como o enredo teatral, é de dois tipos. Pode ser simples, “aquele cujo desenvolvimento [é] uno e contínuo”, isto é, partida sem surpresa, dominada do começo ao fim por uma equipe, ou então complexo, quando há “mudança de fortuna” que pode levar “da infelicidade à felicidade ou da felicidade à infelicidade”, ou seja, virada de placar. Segunda parte: o ator para melhor representar seu papel usa fantasia, mas esse dado é acessório, pois ele não age para corresponder à fantasia, seus próprios atos já expressam o sentido do personagem independentemente da roupa. Transpondo a afirmação para o futebol, o jogador não deve encenar um papel, e sim incorporar o perfil necessário à realização das ações que se esperam dele; seu uniforme permite, continuamos seguindo Aristóteles, “qualificar o homem, mas é de sua ação que depende sua infelicidade ou felicidade”.

Terceira parte da tragédia, o pensamento “consiste em provar que uma coisa existe ou não existe ou em fazer uma declaração de ordem geral”. Dele, “devem fazer parte o demonstrar e o refutar, o suscitar emoções”. Dito de outra forma, é o plano tático de jogo que possibilitará um time impor suas ideias ao outro. Quarta parte, a elocução ou “escolha dos termos” (letra, sílaba, conjunção, substantivo, verbo, artigo, flexão, enumera o filósofo) para expressar o pensamento equivale, é patente, aos gestos técnicos dos jogadores. E Aristóteles aconselha, como um treinador faria a seus futebolistas, a não usar apenas palavras triviais nem tampouco somente recursos de estilo elevado, como metáforas. A dosagem desses elementos tornará a comunicação mais eficiente. Quinta parte, o coro (grupo que declama partes do enredo) “deve ser considerado como um dos atores, deve fazer parte do todo e da ação”, ele é parte integrante do espetáculo. Ao traçar paralelo com o futebol está-se

---

<sup>7</sup> Este fator, muitas vezes chamado apenas de sorte, se transformou em anedota nas mãos do dramaturgo Nelson Rodrigues, cujas crônicas regularmente evocavam a atuação do *Sobrenatural de Almeida* para explicar os resultados do seu Fluminense.

falando, é claro, da torcida, que não é personagem atuante dentro da cena, está ao lado dela, mas cuja participação, embora de outro tipo, é indispensável para o espetáculo. Sexta parte, o canto, o “principal ornamento” do espetáculo. Sendo ornamento, trata-se de componente dispensável, o enredo pode ser desenvolvido sem ele, embora um estádio que vibre, torcidas que cantem, complemente a exibição.

Neste jogo do teatro, ou teatro do jogo, localizado entre o mundo externo e o interno, Franco vê um caráter terapêutico a partir da criação de obstáculos artificiais em substituições aos obstáculos reais, tendo como resultado “a ‘purificação’ experimentada pelos espectadores, durante e após uma representação dramática” (DELTA LAROUSSE, p. 428), ou seja, a catarse. Uma visão muito bem ilustrada pelo romancista Nick Hornby (2000, p. 115) ao descrever o efeito devastador que um gol do seu time aos 43 minutos do segundo tempo de uma final da Taça da Liga inglesa teve sobre suas provas finais na faculdade.

Quando o jogo recomeçou, Liam Brady invadiu a intermediária do Manchester com a bola (mais tarde ele disse que estava exausto, e tentando apenas impedir que sofrêssemos mais um gol) e lançou-a na lateral para Rix. Eu estava assistindo a tudo isso, mas sem *ver* nada; mesmo quando Rix fez o cruzamento e o goleiro do Manchester, Gary Bailey, não conseguiu espalmar, não estava prestando muita atenção. Mas aí Alan Sunderland meteu o pé na bola e enfiou-a lá dentro, bem dentro daquele gol ali na nossa frente, e me vi gritando – não “Sim”, “Gol” ou qualquer dos outros barulhos que como de costume vêm à minha garganta nessas horas – mas só um barulho, “AAAARRRRGGGGHHHH”, um barulho nascido de felicidade absoluta e descrença atônita. [...] Atravessei os exames finais flutuando, como se tivesse sido anestesiado com uma droga benigna.

Mais adiante, o próprio Hornby, porém, mostra que a sensação catártica é limitada, dura apenas até o início da próxima partida ou do próximo campeonato, quando a tensão toma o corpo do torcedor – para ser liberada novamente no gol seguinte. Esta circularidade, que reaviva constantemente a *lógica da dialética* presente no jogo, garantindo que o perdedor de hoje pode ser o vencedor de amanhã, e a inserção de seus elementos centrais na esfera do êxtase, faz com que o futebol se enquadre no sentido mais exato do termo “festa”. Ou seja, uma “atividade cíclica e excepcional que interrompe de maneira efêmera o ritmo da vida cotidiana” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 246), estabelecendo um espaço temporal limitado (um dia de Natal, uma semana de Carnaval, etc.) e qualitativamente denso, onde os excessos são permitidos e os códigos morais sofrem uma flexibilização – situação evidenciada no modo incomum de que as pessoas comem, bebem, falam e se relacionam nas arquibancadas, o que faz do futebol “uma das grandes formas, possivelmente a mais eficiente, das sociedades contemporâneas normatizarem uma saída para o lixo psíquico que produzem” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 312).

Para os adeptos, indica Franco, esta festa é cheia de significados ritualísticos, adquirindo em verdade um aspecto de religião. Deste modo, os clubes se tornam verdadeiras divindades em um universo politeísta no qual, por tabela, todos os componentes recebem analogias místicas, transformando os jogadores em *ídolos*, a bandeira em *manto sagrado*, as defesas incríveis em *milagrosas*.<sup>8</sup> Neste cenário, o gramado é sem dúvida o principal santuário, o templo sagrado onde somente é permitida a entrada dos oficiantes e de alguns auxiliares laicos. A sacralidade do campo torna-o espaço proibido aos fiéis, a torcida, exceto em comemorações de títulos, momento delineado como êxtase coletivo total que, carregado de sentimento eufórico, promove por completo a quebra das censuras morais. “Nessa ocasião, alguns peregrinam ajoelhados de um *sancta sanctorum* (a meta) a outro. De forma comparável à dos devotos medievais dilacerando corpos em busca de relíquias, eles arrancam partes das vestes dos jogadores, pedaços da rede, da bandeirinha do escanteio (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 276). No limite, este olhar religioso é o que melhor explica o fervor histórico que permeia muitas das figuras e cenas descritas em nosso trabalho. A maioria dos que ali estavam, e provavelmente a totalidade dos que invadiram o campo, não são torcedores ocasionais. São apaixonados que não vêm na dedicação ao time uma fuga da realidade, mas *a sua própria realidade*, em um fenômeno muito singular do futebol brasileiro, diferenciando-o da prática européia do esporte, como aponta Wisnik (2007). Para estes, a tragédia da Fonte Nova e a consequente interdição do estádio é uma perda simbólica considerável, subtraindo de imediato uma relação emocional estabelecida ao longo de cinco décadas, e que será de difícil reconstrução.

No entanto, na tentativa de evitar o risco de sermos reducionistas, não podemos deixar de ponderar que este nível de apreciação é apenas uma das dimensões envolvidas no acidente, e que, para esclarecermos a questão, se faz necessário uma análise do panorama histórico do esporte.

### **Do Amadorismo ao Esporte Mais Rico do Mundo**

Há certo consenso entre os estudiosos que diz ser impossível traçar uma linha hereditária contínua para o futebol, premissa facilmente verificável ao se notar a diversidade

---

<sup>8</sup> As superstições e o ocultismo também encontram seus lugares garantidos no futebol, alimentando histórias folclóricas que vão desde sapos enterrados à beira do gramado até nome de jogadores congelados em papéis levados ao refrigerador, passando por cabeças de bois em vestiários, como a encontrada pelo Bahia no último jogo do campeonato brasileiro de 1988. Sobre este tipo de prática em terras baianas, conferir a entrevista do roupeiro do Bahia, Alemão, em Fernandes (2003).

de jogos seculares que podem ser inscritos na categoria “antepassados”. Em épocas distintas, chineses, japoneses, astecas, gregos, romanos, florentinos, franceses e bretões conheceram atividades envolvendo chutes à bola, tendo em comum entre elas um caráter ritualístico. No entanto, todas estas manifestações, tidas como bárbaras, brutais e intempestivas<sup>9</sup>, respondiam a contextos culturais muito específicos e desapareceram junto com a eliminação destas condições, fato que se deu a partir do surgimento, em paralelo à Revolução Industrial, das normas burguesas de sobriedade e organização, exigindo racionalização, padronização e regulamentação civilizante das exercícios (PRONI, 1998).

O futebol, criado no país burguês por excelência, a Inglaterra, nasce como produto direto desta mentalidade, servindo de válvula de escape para a monotonia do novo regime ao mesmo tempo em que atendia segmentos ávidos pela vitalidade dos antigos confrontos populares. Sua trajetória de criação, porém, foi tortuosa, tendo como base uma série de práticas distintas disputadas nos colégios ingleses, que funcionavam “com regras próprias e locais sujeitas à discussão a cada vez que se promoviam encontros entre escolas diferentes” (WISNIK, 2008, p.89). A primeira tentativa de normatizar o jogo, “tornando-o controlável e contabilizável, arbitrado por um sistema de regras e ‘sublimado’ na sua violência” (WISNIK, 2008, p.91-92), data de 1848, mas é somente em 1863, com a criação da Football Association, que o jogo estabelece as bases para seu desenvolvimento.<sup>10</sup>

Nestes primórdios, o futebol era fundamentalmente uma prática elitista e procurava refletir o espírito de desbravador com que esta classe se autoidentificava. Não demorou, contudo, para que ele atraísse a atenção das classes trabalhadoras que se encantavam por seu charme aristocrático e “pela possibilidade que ele oferecia de demonstrar habilidade e força, sem risco de contusões mais graves que os afastariam do emprego” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 33). Segundo Franco Júnior, duas razões parecem ser preponderantes para esta popularização. O início da disputa, por sugestão do secretário da Football Association, Charles Alcock, da Copa da Inglaterra em 1871-1872<sup>11</sup> e a introdução do futebol nas escolas

---

<sup>9</sup> Era costume no *soule* francês, por exemplo, fraturas, ferimentos, contusões graves e até mesmo mortes. No *tlachli* mesoamericano, há relatos indicando que o capitão do time perdedor era sacrificado logo após as partidas.

<sup>10</sup> Este processo só foi concluído com a instituição de algumas dos elementos futebolísticos mais significativos nos anos seguintes. Em 1867, surge o impedimento e, com ele, a necessidade do juiz, introduzido um ano depois. Em 1871, como forma de atrair os praticantes indecisos entre o futebol e o rúgbi, é definida a função do goleiro, que, em princípio, tinha autorização para utilizar as mãos em qualquer parte do campo. Na sequência, a descoberta da técnica de vulcanização da borracha permite a padronização da medida e do peso da bola.

<sup>11</sup> Segundo Franco Júnior (2007), a primeira final do campeonato foi assistida por cerca de duas mil pessoas. Trinta anos depois, em 1901, o público foi de 110 mil espectadores.

públicas. A partir daí, o interesse pelo esporte cresceu gradativamente e multidões se aglomeravam ao redor dos gramados para acompanhar as equipes de suas cidades ou de suas fábricas. Como efeito colateral desta “explosão demográfica”, o amadorismo de antes perdeu terreno rapidamente. No início da década de 1880, embora combatido pela federação, já era comum que equipes se dedicassem exclusivamente para o futebol, sendo financiadas por comerciantes e indústrias locais. O profissionalismo se tornou oficial em 1885, seguindo os ditames da cultura vigente, e os clubes, para financiar as despesas, “passaram a procurar outras receitas além das de bilheteria, caso de loterias e mecenato” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 35).

Ao se notar esse caráter capitalista do futebol, tão típico da Inglaterra imperialista do final do século XIX, o passo seguinte, a internacionalização do esporte, se mostra bastante lógico. No Brasil, o ludopédio<sup>12</sup> foi trazido, “segundo a versão oficial, por Charles Miller em 1894, antecedido aqui e ali por marinheiros ingleses, por funcionários da São Paulo Railway e por alguns colégios que modernizavam eventualmente os hábitos ginásticos” (WISNIK, 2008, p. 200). Este período, ainda de acordo com Wisnik, foi marcado por um cenário visível e outro à margem da história. O lado visível é o futebol da elite, enaltecido como constituinte das fibras morais e consolidado como moda elegante entre os cavalheiros a partir de sua prática em clubes exclusivistas, visando partilhar da modernidade europeia – esquecendo-se que este modelo elitista já havia sido descartado no Velho Mundo há quase uma década. É a vertente que, protegida pelo amadorismo, ganha espaço na imprensa, seduz um público feminino crescente e faz de cada jogo um acontecimento social.

A face invisível desta cena é justamente o futebol dos pobres, dos garotos, dos trabalhadores e dos desclassificados, que transpunham aquilo que viam nos campos dos ricos para as várzeas, fábricas e clubes populares. Um futebol que, observa Wisnik, foi um caso de adesão coletiva imediata, gerando um fenômeno que, quando se torna visível, adquire “proporções avassaladoras e vem a ser lembrado irremediavelmente na forma do mito” (WISNIK, 2008, p. 207), mas que no seu início foi apontado pelas camadas dominantes como uma ofensa à ordem estabelecida e um fator de perturbação da vida coletiva, frequentemente associado à criminalidade.

Diante deste repúdio, era comum encontrar queixas veiculadas nos jornais contra os *moleques vadios, vagabundos, selvagens e bárbaros* que passavam o dia inteiro correndo

---

<sup>12</sup> Forma arcaica utilizada pelos cronistas do início do século XX para designar o futebol.



atrás de uma bola, feita de improviso com qualquer material à mão, desafiando “tanto o tempo do trabalho quanto o do lazer” (WISNIK, 2008, p. 211). As críticas atingiram seu ápice com o escritor Lima Barreto, que enxergava no futebol uma atividade tão nociva que os praticantes corriam o risco de ter a anatomia da cabeça modificada pelos choques, tornando-a “alongada, cônica ou pontuda” (WISNIK, 2008, p. 203) em um processo que se prolongaria de geração em geração.

Na realidade, estes protestos apenas escancaravam a divisão social e racial preconceituosa vigente no país, que colocou times brancos e ricos de um lado e clubes mestiços e periféricos do outro, exatamente o padrão que as elites brasileiras pretendiam para a sociedade nacional. Alguns periódicos, como o *Sports* (06/08/1915), veiculado em Franco Júnior (2007, p. 63), chegaram realmente a postular que “o futebol é um esporte que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo. [Se formos] obrigados a jogar com um operário [...] a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão”.

Tal postura, aliada ao poder político das classes dominantes, fez com que a prática no Brasil permanecesse amadora até início dos anos 30 do século XX, embora o comportamento das equipes *menores* não tenha sido tão submisso quanto a história oficial quer fazer crer, como mostra Franco Júnior. No país, em verdade, o cenário era muito mais complicado. Geralmente provocados pela presença no elenco de jogadores *profissionais* ou *de cor*, os conflitos eram constantes e resultavam na criação de diversas ligas dentro do mesmo estado, exclusão de times durante o campeonato e reviravoltas nas regras das competições. Neste panorama caótico, a saída de algumas agremiações para fugir do rótulo asfixiante do amadorismo foi o profissionalismo dissimulado, onde os atletas eram contratados em empregos de fachada, a maioria situada nas lojas e indústrias dos próprios donos do clube. O Vasco, ligado a comerciantes portugueses, foi o principal símbolo do período, tendo sido campeão no seu ano de estreia na primeira divisão.

A crise entre os dois pólos do futebol brasileiro apontados por Wisnik se agravou na segunda metade da década de 20, com o esporte recebendo ataques tanto dos meios intelectuais, representados pela Liga Contra o Futebol, quanto de certos segmentos da classe operária, cuja perspectiva, influenciada pelo pensamento socialista, categorizava o esporte

enquanto uma prática burguesa que promovia a desagregação do operariado<sup>13</sup>. O clima turbulento é ainda potencializado pela crise financeira de 29, que enfraqueceu as oligarquias, antes as bases de sustentação do amadorismo e, paralelamente, fez com que vários jogadores de renome promovessem um êxodo, mudando-se para países onde o jogo profissional já era uma realidade. O lance decisivo do confronto veio em 1931, quando Vargas incluiu o atleta de futebol entre as profissões a serem regulamentadas pelas leis brasileiras (FRANCO JÚNIOR, 2007), sepultando de vez as pretensões dos clubes amadores. Em janeiro de 33, os cariocas aderiram ao profissionalismo. Em março do mesmo ano, foi a vez dos paulistas, tendo sido eles os protagonistas da primeira partida oficialmente profissional do país, cinco a um do São Paulo contra o Santos, na primeira rodada da Taça Rio – São Paulo.

Nesta época, mostra Franco Júnior, o futebol já se configurava como o esporte de maior fama no país, enraizado nas mais diferentes camadas sociais. A década de 30 serviu para aumentar ainda mais a sua difusão, com a imprensa, e principalmente o rádio, representando papel fundamental neste movimento. Mário Filho<sup>14</sup> nas páginas impressas do Rio de Janeiro e Ary Barroso nas ondas radiofônicas eram os principais expoentes do período, cujo cenário se completa com *A Gazeta Esportiva*, editada por Tomáz Mazzoni em São Paulo, todos servindo como estrado para o fortalecimento da ligação cada vez mais apaixonada entre torcedor e clube.

Tamanha popularidade, como era de se esperar, não passou despercebida aos olhos de Getúlio, que vê nele um campo privilegiado para suas ações propagandísticas. Com isso, “o mesmo rádio que agrupava os ouvintes num corpo único de torcedores de determinado time ou no corpo maior da seleção brasileira também procurava criar o corpo cívico da nação em comunhão com seu líder máximo. Paixão política e paixão futebolística eram estimuladas de forma semelhante” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.80). Nesta busca pela *unidade nacional*, a seleção brasileira teve papel determinante, com os governantes tentando nela imprimir o mesmo espírito modernizante com o qual eles identificavam o regime.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> “Apesar dessa dura avaliação, sindicatos ligados a anarquistas, socialistas e comunistas chegaram a promover partidas e a organizar times exclusivamente de operários, como forma de inserção cotidiana capaz de aglutinar e mobilizar trabalhadores” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 70).

<sup>14</sup> Sobre Mário Filho, conferir item 2.1 deste trabalho.

<sup>15</sup> Uma das heranças desta situação foi a entrada dos dirigentes futebolísticos na seara política, situação vista hoje como um dos principais entraves para a evolução do futebol nacional, e cuja extinção o jornalista Juca Kfoury (2009, p. 121) chega a chamar de utopia, já que “não há razão nenhuma para se acreditar que eles estejam dispostos ao gesto”.

Independente da validade desta associação, é inegável a eficácia da ação, cujo resultado teve sua manifestação imediata na Copa de 38, transmitida da França ao vivo pelo rádio, e a primeira disputada por uma equipe nacional realmente miscigenada, “representativa do que havia de melhor no futebol já profissionalizado do país” (WISNIK, 2008, p. 184). A derrota nos gramados europeus, no entanto, indica Franco Júnior, provocou um efeito reverso, instalando no imaginário popular um sentimento de inferioridade frente às grandes potências mundiais, sabiamente apelidado por Nelson Rodrigues de *complexo de vira-latas*, que foi agravado de forma severa pela monumental derrota para o Uruguai em um Maracanã lotado na Copa de 50 e ainda não superado, como mostra a insistência da imprensa nacional, em toda sua extensão, ao relacionar o termo a qualquer problema de baixa autoestima enfrentado pelos brasileiros.

Esse mesmo expediente político descrito acima voltou com força redobrada na Copa de 70, agora pelas mãos dos militares, que deram um novo toque ufanista ao modelo getulista de publicidade massiva, levando-o ao extremo. Do “Ame ou Deixe-o” à marchinha “Pra Frente Brasil”, todas as peças publicitárias procuravam confundir o Estado ao sucesso da equipe tupiniquim (FRANCO JÚNIOR, 2007).<sup>16</sup> Até o próprio presidente Médici se transformou em garoto-propaganda, mostrando uma indefectível falta de intimidade com a bola em fotos ao lado do técnico João Saldanha, assumidamente de esquerda e que foi demitido antes da viagem ao México. Neste sentido, o tricampeonato foi cantado como a consagração do regime, que exibiu os atletas em carro aberto como verdadeiros heróis da pátria.

Não podemos, entretanto, reduzir a Copa do México a mero instrumento ideológico dos militares. Em diversos outros setores, ela foi realmente um marco, a começar pelo ineditismo da transmissão televisa a cores para vários países e pela própria qualidade do elenco nacional, colhendo os frutos de uma safra de talentos que nunca mais se repetiu. Frequentemente reverenciado como o melhor da história, “aquele time revelou uma espécie de ideal platônico que ninguém, nem os próprios brasileiros, seria capaz de atingir novamente” (HORNBY, 2000, p. 37). Curiosamente, a habilidade desta seleção era tão grande que até os gols perdidos, como o chute do meio de campo de Pelé contra a Tchecoslováquia e o corta-luz

---

<sup>16</sup> Curiosamente, esta identificação da seleção enquanto produto da ditadura gerou uma dificuldade para a oposição, que se viu dividida entre torcer pelo time canarinho ou repudiar o regime. Ante este impasse, “não foram poucas as discussões nos aparelhos guerrilheiros sobre qual seria a postura de um verdadeiro revolucionário diante da situação” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 144). Sobre esta situação, conferir o filme “O ano que meus pais saíram de férias”, de Cao Hamburger.

do Rei em Mazurkiewicz, são lembrados até hoje nos debates esportivos ao redor do planeta.<sup>17</sup>

É no plano econômico, contudo, que o campeonato de 70 tem o seu principal impacto, colocando sua marca na história como o fim da era romântica do futebol, onde o amor à camisa do clube era item indispensável para o jogador, e abrindo espaço para a entrada em campo da lógica tecno-empresarial, que, se não participa diretamente do jogo, influencia decisivamente ao definir os recursos com os quais este jogo poderá contar (WISNIK, 2007). A partir daí, houve uma fase de transição, onde, embora as estruturas clubísticas ainda permanecessem sem alterações, vivendo de um profissionalismo mambembe, tornou-se intenso o movimento dos atletas, principalmente sul-americanos, em busca de melhores salários em países que não os seus de origem. Simultaneamente, segundo Proni (1998, p.154), diante do potencial financeiro ocioso do esporte, crescia na Europa a mentalidade “de que um time de futebol precisava aumentar sua arrecadação e que os torneios deviam ser administrados de forma mais racional (ou seja, não deviam dar prejuízos)”.

Ainda de acordo com Proni (1998, p.155), a primeira mudança efetiva rumo à concretização do futebol enquanto negócio acontece em 74, ano da eleição para a presidência da FIFA do brasileiro João Havelange, cuja plataforma de campanha prometia uma expansão agressiva do esporte no mundo, tornando-o realmente rentável. Com ele, Havelange trouxe junto a Adidas, que já acumulava experiência em “esquemas de marketing apoiados em esportes de alto rendimento”, e a Coca-Cola, que pagou um valor inédito para o setor com o objetivo de ter o direito de patrocinar a Copa de 78, na Argentina: US\$ 8 milhões<sup>18</sup>. A etapa seguinte se deu dentro de alguns clubes europeus, que passaram a transferir sua propriedade para o controle de empresas privadas, buscando com isso ajustar os orçamentos e postular uma administração ética das entidades. A Itália<sup>19</sup>, abalada por casos de corrupção nos jogos, cujo desfecho levou a um endurecimento da fiscalização governamental, foi a principal referência do período, promovendo, em 1981, uma importante modificação no seu cenário

---

<sup>17</sup> Sobre este tema, conferir o DVD Fifa Fever (2005).

<sup>18</sup> Para se ter uma medida do sucesso de Havelange no comando da FIFA, dez anos depois, os direitos televisivos das Copas de 90, 94 e 98 foram vendidos para a empresa de representação comercial ISL por mais de US\$ 240 milhões (PRONI, 1998).

<sup>19</sup> A rigor, o pioneiro na mercantilização do futebol foi os Estados Unidos, que criaram ainda na década de 60 uma liga gerida pelos valores empresariais, a National American Soccer League (NASL), atraindo expoentes como Cruyff, Beckenbauer e o próprio Pelé, contratado pelo Cosmos de Nova Iorque em 1975. No entanto, segundo Proni (1998), a disposição contrária da FIFA na época e a falta de apoio popular e da mídia, mais interessada nas altas audiências do basquete, do baseball e do futebol americano, terminaram por levar ao fracasso o modelo norte-americano.

futebolístico, uma legislação, bastante rigorosa, própria para o setor. Nesse mesmo ano, a liberação para a presença de marcas nos uniformes atraiu grandes empresas globalizadas e desenvolveu novo impulso para a área econômica das equipes.

Na primeira metade da década de 80, a mercantilização do futebol em países como Espanha, Alemanha, Inglaterra, França e Itália já era uma realidade, com os campeonatos desses países moldados em verdadeiros produtos para consumo da cultura de massa, a televisão sendo o catalisador desta revolução. Neste sentido, não há dúvidas de que

a transmissão sistemática pela TV de partidas domésticas e de torneios da UEFA, ao vivo, impulsionou arranjos para obtenção de patrocínios milionários e valorizou os contratos de fornecimento de material esportivo e de *merchandising*. Além disso, o crescente interesse por anúncios comerciais durante as transmissões levou também os canais abertos de televisão a disputar com as redes estatais os direitos de exploração das imagens e a pagar valores crescentes pela transmissão de torneios oficiais. (PRONI, 1998, p. 158)

Na década de 90 e nos anos 2000, todo este futebol-negócio se intensifica de maneira absurda, fazendo do jogo um dos principais pilares da indústria do entretenimento. Os números de fato impressionam. Segundo Franco Júnior (2007, p. 181-182), dados coletados por Bourg e Gouguet estimam em 300 milhões de euros o custo anual do contrato para transmissão do campeonato alemão (2004-2006), em 596 milhões de euros para o inglês (2004-2007) e em 603 milhões de euros para o francês (2005-2008). Este montante se reflete no contingente de indivíduos envolvidos na produção do *espetáculo*. De acordo com cálculos de João Havelange, “o futebol emprega direta e indiretamente 450 milhões de pessoas. Se a cada uma delas estiver ligada uma família de cinco membros, isso representa 2 bilhões de pessoas ou quase um terço da população mundial vivendo do futebol” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.179). Diante de tamanha dimensão, e o contraste deste plano econômico com o modo como o torcedor se relaciona ao jogo, Hobsbawm, citado por Wisnik, afirma que o futebol emula “o conflito essencial” da globalização, “suportando de maneira paradoxal, talvez como nenhuma outra instância, a dialética entre as entidades transnacionais, seus empreendimentos globais e a fidelidade local dos torcedores para com uma equipe” (WISNIK, 2008, p. 17). No limite, este processo se traduz no endeusamento dos jogadores, hoje verdadeiras estrelas *pop*, recebendo salários cujas cifras chegam à casa das dezenas de milhões de dólares. Kfourri (2009, p. 11) chega a brincar com esta situação ao dizer que “os Ronaldos, por exemplo, além de um bom nome para um conjunto de rock, estão para o futebol assim como Michael Jackson está para o showbiz”.

Porém, importante notar que essas transformações estruturais não se desenrolaram livres de obstáculos, e nem tampouco se sucederam de maneira igualitária em todas as regiões (PRONI, 1998). Muitos países do Leste Europeu, da África, da Ásia e da América do Sul continuam engatinhando no processo e passam longe de exhibir clubes financeiramente saudáveis. O Brasil, por toda sua peculiaridade na aproximação do povo com a bola, e pela conjuntura política e econômica complicada que perdurou por muitos anos, talvez seja o melhor exemplo das dificuldades e contradições inerentes neste movimento de alteração dos valores no esporte.

Aqui, os avanços futebolísticos sempre custaram em acontecer, vide o profissionalismo tardio, e a mesma demora se apresentou na formação de um campeonato nacional duradouro, somente organizado em 1971. No entanto, vista pelos militares como fundamental para a manutenção do regime, a competição foi seguidamente inchada para atender dirigentes simpatizantes da ditadura, chegando ao cúmulo de abrigar 94 equipes em 1979. Assim, “disputando campeonatos deficitários, cedendo jogadores para times estrangeiros, sofrendo pressões dos dirigentes da CBD e dos governantes, os clubes aproximavam-se de uma situação limite (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 151). Uma das conseqüências mais profundas desta ocorrência foi “o lento, gradual e seguro esvaziamento dos estádios” (KFOURI, 2009, p. 20).<sup>20</sup>

O fundo do poço foi atingindo em 1987, quando a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) abdicou do direito de organizar o campeonato nacional alegando não ter condições financeiras. Ironicamente, apesar de não podermos constatar a existência de modificações significativas, este também foi o momento da virada para a modernização do futebol no país, tendo o certame daquele ano, a Copa União, organizado pelos próprios clubes e patrocinado por Varig, Coca-Cola e Rede Globo. Três anos depois, a chamada Lei Zico prometia “implementar métodos empresariais na administração do futebol, além da democratização das federações e da CBF, bem como a extinção da Lei do Passe<sup>21</sup>” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 159), entretanto, o lobby dos dirigentes no Congresso desfigurou a proposta aprovada, cuja solução para o aumento das receitas foi a liberação para a realização de bingos e sorteios nos estádios.

---

<sup>20</sup> Segundo Franco Júnior (2007, p. 151), “a média de público despencou de 20 mil torcedores em 1971 para 10 mil em 1978 e 9 mil em 1979”.

<sup>21</sup> Lei que vinculava os direitos do jogador ao clube e, na prática, obrigava o atleta a atender os interesses dos dirigentes.

De lá para cá, efetivamente pouca coisa mudou no panorama político do futebol brasileiro, apesar de identificarmos duas importantes exceções à regra. A primeira, o fim do vínculo servil entre jogador e clube graças à Lei Pelé<sup>22</sup>. A segunda, mais relevante para entender os propósitos de nosso trabalho, a sanção, em 2003, do Estatuto do Torcedor, um documento com uma série de exigências pensadas para garantir o conforto, a acessibilidade, a segurança e o respeito ao frequentador de estádio. Vê-se aí uma clara transformação na mentalidade das instâncias governantes, não mais categorizando o torcedor apenas enquanto um fanático por futebol, mas sim um consumidor. Com este raciocínio, o estatuto prevê venda antecipada de ingressos, numeração dos assentos no estádio, monitoramento por imagens das arquibancadas, assistência médica de emergência para os torcedores e compatibilidade entre a quantidade de banheiros e a capacidade da praça esportiva, além da punição por três meses de banheiros e a instituição de um ouvidor para as competições.<sup>23</sup> Na prática, porém, os resultados da iniciativa são pífios, fazendo com que os torcedores, nas palavras duras de Kfoury (2009, p.41), continuem a serem “tratados como gado”, com a CBF considerando diversas partes do documento assinado pelo presidente Lula como inconstitucionais.<sup>24</sup>

O desrespeito ao torcedor começa com o próprio descaso enfrentado pelos estádios brasileiros ao longo dos anos. Um estudo realizado, em 2007, pelo Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva (Sinaenco) é um atestado incontestável deste triste panorama. Banheiros degradados, instalações acanhadas, falta de higiene nas cantinas, vestiários irregulares, construções improvisadas, sujeira, cadeiras depredadas e obstáculos impedindo a visibilidade do campo foram algumas das deficiências mais comuns encontradas nos 29 estádios pesquisados. A elas, juntaram-se falhas graves como estruturas expostas, infiltrações nas arquibancadas e sistemas elétricos danificados. O quadro fica ainda mais lamentável se levarmos em consideração que muitos destes equipamentos foram construídos há mais de quarenta anos, sofrendo reparos mínimos desde então, quase como se eles houvessem parado no tempo.

---

<sup>22</sup> Sancionada em março de 1998, a lei 9615/98, além do fim da lei do passe, “estimula a transformação dos clubes em empresas, incentiva a criação de associações para árbitros e determina que os tribunais de justiça esportiva tenham representantes indicados pela sociedade civil” (Jornal Na Semana, 08/06/2008).

<sup>23</sup> BRASIL. Presidência da República. Lei No 10.671, de 15 de mai. de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.671.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.671.htm)>

<sup>24</sup> Sobre esta situação, Cf KFOURI, Juca. **Para CBF, Estatuto do Torcedor é inconstitucional**. Disponível em <[http://www.blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2008-11-30\\_2008-12-06.html](http://www.blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2008-11-30_2008-12-06.html)>

Resta-nos verificar se as promessas oriundas da escolha do Brasil como sede da Copa do mundo conseguirão mudar de fato este cenário desolador, embora as reformas, quando vierem, não possam apagar certas manchas de nossa história recente.

### **Os Palcos do Futebol na Bahia**

A dupla cena da origem do futebol brasileiro, sobre a qual fala Wisnik, possui em terras baianas uma relação bastante conflituosa nos primórdios do esporte no estado, influenciando diretamente na trajetória dos espaços onde a prática se desenvolveu. Importado da Inglaterra por Zuzá Ferreira, filho de um tesoureiro do setor bancário, o futebol aportou no estado em 1901, e rapidamente se transformou em instrumento de distinção social, com as partidas, geralmente animadas por bandas militares e anunciadas em elegantes convites individuais<sup>25</sup>, servindo de ponto para encontros da classe média alta de Salvador (LEANDRO, 2003; SANTOS, 2009).

Os confrontos, no entanto, a maioria realizada no Campo dos Mártires, posteriormente conhecido como Campo da Pólvora, aberto e gratuito, atraíam centenas de curiosos das camadas populares, e as confusões entre os dois pólos econômicos não demoraram em acontecer. Da exclusão dos negros a tiros disparados por torcedores mais exaltados, a lista de problemas é extensa.<sup>26</sup> O mais sério incidente, indica Santos, até por conter indícios de xenofobia, ocorreu em 1906, quando jogadores do Internacional, ingleses, foram hostilizados pelo torcida do Vitória com vaias, palavrões e objetos arremessados em campo.

No ano seguinte, como resposta ao tumulto, a Liga Bahiana de Desportos Terrestres transferiu os jogos para o antigo hipódromo da Lucaia, no Rio Vermelho, passando a cobrar ingressos, os preços variando entre \$500 na Geral e 5\$000 nas Carruagens<sup>27</sup> (BOTELHO, 2006). Contudo, aponta Botelho, citando Maia (1944), mesmo com esta medida, os públicos

---

<sup>25</sup> Um exemplo pode ser visto em Leandro (2003, p. 22): “Realisar-se-há no Domingo 28 do corrente uma partida de FOOTBALL entre Brasileiros e Inglezes, a qual terá logar no CAMPO DOS MARTYRES, devendo começar às 4 horas da tarde. Abrilhanará a partida uma banda de música do Corpo policial, havendo também cadeiras à disposição das Exmas. Famílias que a desejarem assistir.

<sup>26</sup> Além das brigas no campo, o confronto se estendeu para outras áreas da cidade. Em 1902, a Intendência Municipal, atendendo pedidos da elite e a pressão da imprensa, proibiu os *babas* de rua, limitando a prática a alguns locais definidos, o que foi largamente desrespeitado. Leandro (2003) e Santos (2009) transcrevem a nota oficial da época: “O FOOT-BALL – Resolvendo o pedido feito pela Secretaria de Policia, sobre pontos onde possa ser efetuado jogo de foot-ball, sem prejuízo da propriedade particular, conforme reclamações levantadas, a Intendência Municipal designou os seguintes locais para realizar-se aquela diversão: Campo dos Mártires, no Distrito de Nazaré, Quinta da Barra, no Distrito da Vitória, Fonte do Boi, no Distrito de Brotas, Largo do Barbalho, no Distrito de Santo Antônio, e Largo do Papagaio, no Distrito da Penha”.

<sup>27</sup> Segundo Risério (2004, p. 507), os torcedores da época tinham o costume de assistir as partidas dentro de seus próprios automóveis, que ficavam postados nas áreas mais sombreadas do terreno.



das partidas continuaram a crescer, alcançando a casa dos milhares de torcedores pagantes, o que, em 1920, forçou a mudança para o que pode ser considerado o primeiro estádio soteropolitano, o Arthur Moraes, mais conhecido como Campo da Graça.

Localizado na esquina da Rua Catarina Paraguaçu com a Avenida Euclides da Cunha, onde hoje se localiza a faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, o Arthur Moraes deu vazão ao interesse dos baianos pelo jogo e se tornou referência. No entanto, no início da década de 40, sua capacidade já era insuficiente para acomodar a enorme demanda de torcedores. E então, por pressão popular, surge o projeto de um novo campo esportivo, que, graças à evolução da engenharia da época, foi construído a partir de 1943 em uma escavação da Ladeira da Fonte das Pedras, ao nível do Dique do Tororó, originando assim o seu carinhoso nome (RISÉRIO, 2004, p. 511).

Aberto em 1951, ainda em obras, o Octávio Mangabeira, inicialmente apenas denominado como Estádio da Bahia, logo se tornou o principal palco do futebol baiano. Foi nele o primeiro título nacional do Bahia, a primeira partida de Libertadores em território brasileiro e, em 1971, a primeira grande tragédia do esporte no país. Na ocasião, a Fonte Nova inaugurava o seu anel superior, construído nos dois anos anteriores, e que aumentava sua capacidade para mais de 90.000 espectadores. Desde antes do jogo, o clima era de desconfiança total, com boatos sendo espalhados pela cidade. Ninguém acreditava que o concreto do local suportasse o peso de tanta gente.

A paranóia estava na cabeça de todos. Durante o jogo principal, depois do Bahia derrotar o Flamengo com um gol de Zé Eduardo, quando o Grêmio e Vitória disputavam a bola em campo, um refletor pipocou. E alguém gritou: 'a Fonte Nova está caindo'. O pânico foi geral. Correria. Gente pulando de cima para baixo. Poeira, pisoteio, confusão e pânico (RISÉRIO, 2004, p. 511-512).

#### O A Tarde (05/03/1971) complementa a informação:

Em minutos, o tapete verde, onde disputava-se um belo espetáculo de futebol, transformou-se em vasto ambulatório, com inúmeras pessoas vítimas de fratura exposta, cabeças, costelas e braços quebrados, traumatismos de todo gênero. [...] Enquanto isso, marginais não perdiam a oportunidade de furtar todos os que, na confusão de deixarem o estádio, esqueciam-se de suas carteiras e estas eram levadas. Centenas de pares de sapatos foram encontrados, tanto dentro do Estádio, como na área externa.

Foram dois mortos e 2.086 feridos, segundo os dados oficiais, embora estes números sejam alvos constantes de suspeita devido à censura política típica da época (DIAS et al, 2008). Passado o susto, a Fonte Nova reabriu normalmente e, nos anos seguintes, bateu

seguidos recordes de público.<sup>28</sup> Neste período, tornou-se o lar do Bahia, criando com o time um laço de identidade extremamente forte, reforçado após a construção do Barradão em 1996, diminuindo a representação do Vitória no local. Sempre com casa cheia, alguns dos principais jogos do Tricolor de Aço se deram no Octávio Mangabeira, como as três primeiras finais de torneios nacionais disputadas pela equipe (59, 61, 63), a goleada de 5 a 0 contra o Santa Cruz em 1981, depois de ter perdido o primeiro jogo por 4 a 0, e a vitória no campeonato baiano de 94 com um gol aos 46 do segundo do tempo, no que foi o maior público de um BA-VI, 97 mil pagantes (DIAS et al, 2008; FERNANDES, 2003).

Contudo, estes momentos de glória do Bahia, fazendo da Fonte Nova um ambiente de festas, foram acompanhados por um descaso da administração, a Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (SUDESB),<sup>29</sup> com o próprio estádio. De fato, a última reforma profunda no local foi justamente a construção do anel superior. A partir daí, todos os reparos feitos foram paliativos ou estéticos e o equipamento entrou no novo milênio em estado de conservação deplorável. “A olho nu, qualquer freqüentador assíduo ou esporádico podia notar o quadro de degradação” (BARROS NETO; GRAMACHO, 2007, p. 70).

Em janeiro de 2006, aponta A Tarde (27/11/2007), o Ministério Público Estadual pediu a interdição do complexo esportivo, baseando-se na alegação que ele causava “riscos à saúde e à segurança dos torcedores e demais freqüentadores do local, com ferragens expostas, tubulações enferrujadas, umidade nas estruturas, piso irregular e sem revestimento”, sem falar no “indicativo de movimentação anormal”, a famosa tremedeira do piso superior. Negado o pedido de liminar, o caso caiu no bolo dos milhares de processos em compasso de espera nos corredores do judiciário.

Um ano depois, o próprio governo já admitia o cenário complicado, como indica a matéria do site Terra (26/11/2007):

No dia 20 de março deste ano, o secretário estadual de Esportes da Bahia, Nilton Vasconcelos, lamentou a situação do local e afirmou que a reforma seria uma prioridade. “O quadro encontrado foi muito ruim e precário. Na nossa secretaria, temos cinco prioridades e a de nível um é a reforma da Fonte Nova”, disse à época. As declarações do secretário estão registradas em um material de assessoria de comunicação do Estado.

---

<sup>28</sup> O maior deles se reuniu em fevereiro de 1989, quando 110.438 pessoas assistiram a semifinal do Brasileirão de 88 entre Bahia e Fluminense.

<sup>29</sup> Criada na década de 70, ainda como Autarquia da Vila Olímpica da Bahia, “surge com o objetivo de administrar o estádio da Fonte Nova, assim como toda estrutura da Vila Olímpica, a ela ligada, somando o fomento ao desenvolvimento do desporto em todas as cidades do estado da Bahia” (DIAS et al, 2008, p. 31).

Houve, então, no primeiro semestre de 2007, assinala o texto do governo, alguns reparos parciais na estrutura, uma pintura externa, a troca do banco de reservas e a limpeza das calhas das arquibancadas. Porém, no início de novembro do mesmo ano, o estudo do Sinaenco, citado por nós anteriormente, continuava a considerar o estádio soteropolitano como o pior entre os 29 pesquisados em dezoito cidades brasileiras. Agora, além das deficiências apontadas pelo MPE, sobraram críticas ao estado lastimável dos vestiários, bares e arquibancadas, não oferecendo “nenhum conforto ou segurança aos usuários”, ameaçados ainda pelas “estruturas com vigas e pilares comprometidas”.

E em 25 de novembro de 2007, este imbróglgio resultou na maior tragédia do esporte baiano, quando, aos 38 minutos do segundo tempo do empate sem gols entre Bahia e Vila Nova (GO), uma parte do piso da arquibancada superior cedeu enquanto uma ensandecida torcida baiana comemorava a ascensão do Tricolor para a segunda divisão do campeonato brasileiro. Dez pessoas despencaram de uma altura de quinze metros, equivalente a um prédio de cinco andares. Seis delas morreram na queda. A sétima vítima faleceu a caminho do hospital. Oficialmente, haviam 60.007 torcedores no estádio.

Um clarão se fez em meio aos degraus do anel superior, mas a esmagadora maioria do público e da imprensa ignorou o fato. Achava se tratar de uma briga interna da Bamor, principal organizada do Bahia e que tradicionalmente ocupava aquela área. O final da partida tornou o acidente ainda mais insignificante para a multidão que, descontrolada, invadiu o gramado para festejar, arrancando a roupa dos jogadores, depredando os bancos de reservas e extraíndo pedaços da grama. Do lado de fora, dois trios elétricos comandados pelos cantores Ricardo Chaves e Ninha, além da participação do grupo Olodum, animavam um oceano de pessoas em delírio. Um êxtase coletivo interrompido apenas uma hora depois de seu início, momento em que a notícia dos óbitos chegou ao conhecimento de todos.

Com a tragédia, tão impensável que somente dois acidentes similares foram registrados na história,<sup>30</sup> a Fonte Nova foi imediatamente interditada e sua demolição ordenada pelo governador Jaques Wagner. Cerca de um ano mais tarde, o governo mudou de ideia e, pensando na Copa de 2014, decidiu reutilizar parte da estrutura do Octávio

---

<sup>30</sup> Franco Junior (2007, p. 268) relata que, em uma partida entre as seleções da Inglaterra e da Escócia realizada em Glasgow no ano de 1902, 26 pessoas morreram depois da queda de uma arquibancada *improvisada* por causa do excesso de torcedores. Em 1992, o mesmo ocorreu no estádio de Furiani, em Bastia (Córsega), matando 17 pessoas em um jogo entre a equipe local e o Olympique de Marseille. Na final da Copa João Havelange, disputada entre Vasco e São Caetano no ano de 2000, algo parecido aconteceu, mas, desta vez, o responsável pelo incidente foi a queda do alambrado de proteção.

Mangabeira na construção de um novo estádio, em uma obra moldada no formato Parceria Público-Privada (PPP)<sup>31</sup> cujo orçamento chegava a R\$ 231 milhões (DIAS et al, 2008). Nova mudança ocorreu em 2009, desta vez decidindo-se pelo descarte dos dois anéis de arquibancadas e a edificação de um moderno complexo esportivo no lugar, elevando a estimativa de custos para R\$ 550 milhões, podendo atingir, de acordo com reportagem de A Tarde (23/08/2009), R\$ 639 milhões, “caso não se consiga reduzir a incidência de tributos nos materiais que serão utilizados”.

Atualmente, o projeto, envolto em polêmicas, aguarda a definição da empresa que executará o serviço<sup>32</sup>.

---

<sup>31</sup> No caso soteropolitano, “modelo de contrato em que grupo de empresa torna-se concessionário e passa a explorar o local com fins econômicos. O Poder Público estadual oferece a contrapartida e, depois de 35 anos de gestão da concessionária, toma para si a administração do estádio” (A Tarde, 23/08/2009).

<sup>32</sup> O resultado sairá no dia 30 de novembro, antes do término deste memorial.

## Os Dois Campos de Jogo

Diante da sua natureza temática e do percurso narrativo proposto, é inevitável admitir que nosso trabalho se localiza em uma intersecção entre dois gêneros jornalísticos que, motivados por processos culturais internos, acabaram por se distanciar. Um abandonou sua verve literária em prol de uma objetividade que lhe conferisse mais credibilidade. O outro surge efetivamente como uma reação a esta mesma objetividade, vista desta vez como uma prisão estilística. Em comum entre os dois, a verdade e a ética como necessidades básicas.

### Jornalismo Esportivo

Se podemos considerar os clubes, dirigentes, jogadores e os torcedores como parte indissociável do espetáculo desportivo, não é exagero colocarmos a imprensa neste mesmo patamar, já que é ela quem transforma a atividade restrita aos seus participantes em fato partilhado pelo conhecimento de todos. No entanto, esta combinação entre jornalismo e jogo encontrou dificuldades para acontecer e, mesmo hoje, época em que a mercantilização da vida converteu o exercício físico em negócio altamente rentável, a relação ainda é complicada, indo do céu ao inferno em um piscar de olhos.

Segundo Paulo Leandro (2003), as primeiras notícias sobre esportes surgem nos jornais europeus na primeira metade do século XIX<sup>33</sup>, mas somente décadas depois, com o aumento da prática desportiva, a partir da conscientização da relevância da atividade para a saúde, é que o jornalismo esportivo começa a se consolidar, apesar de ser visto como setor de importância reduzida nas redações. De maneira bastante lenta, o mesmo ocorre em terras brasileiras, hipismo, *cricket* e remo sendo os assuntos mais abordados. O futebol só ganhou espaço mais tarde, já na virada do século XIX para o XX, primeiro como informação policial, com as reportagens clamando contra *os vagabundos* que depredavam as propriedades alheias com os chutes descontrolados dos *babas* de rua, em seguida como coluna social, destacando a presença das personalidades em volta do campo, as roupas das senhorinhas, a elegância dos cavalheiros e o decoro da torcida, e não raro criticando a presença de “*outros torcedores*,

---

<sup>33</sup> Fundado em 1838, o Bell's Life, mais tarde conhecido como Sporting Life, é considerado o órgão esportivo mais antigo do mundo. “Seu surgimento ocorre com o fortalecimento de clubes e federações na era moderna do esporte mundial, caracterizada pela organização em instituições” (LEANDRO, 2003, p. 01).

aqueles vindos dos setores populares da cidade, alguns dos quais [...] compareciam descalços ao estádio” (TORO, 2004, p. 12).<sup>34</sup>

Deste momento em diante, indica Leandro, o aumento do interesse da população pelo futebol e a concentração de pessoas nos campos em dias de jogos, ainda gratuitos, fizeram os jornais enxergarem aí uma oportunidade de fidelização dos consumidores e de ampliação das vendas, ainda restritas em função do alto índice de analfabetismo na população. Houve, então, apoiando-se nas evoluções tecnológicas do período, que alargaram o espectro da cobertura, um investimento no aspecto noticioso do evento, buscando retratar a prática enquanto um jogo e não mais enquanto um encontro festivo da elite. Ainda que o discurso cheio de maneirismos narrativos continuasse o mesmo, é a fase de abertura tímida do terreno dentro das redações e das primeiras revistas dedicadas ao esporte, como as baianas *Vida Sportiva* e *Renascença*, que “já oferecia as imagens com a marca para serem recortadas, convidando o leitor a colecionar as fotos dos craques” (LEANDRO, 2003, p. 27), antevendo o expediente utilizado com frequência nas revistas do gênero.

Na década de 30, o jornalismo esportivo brasileiro em gestação ganha impulso com o advento do profissionalismo no futebol. Neste período, “o número de publicações dedicadas ao esporte alcança um crescimento estrondoso, saltando de cinco, em 1912, para 58, em 1930, o que ajuda a consolidar ‘uma sólida indústria em torno do jogo’” (STYCER, 2008, p. 54). As mudanças estilísticas são evidentes, as notícias esportivas recebem destaque, até mesmo aparecendo em pequenas chamadas na capa, e os jornais acumulam um crescente público ávido por relatos sobre o futebol. Embora seja necessário relativizar esta afirmação, dois nomes são constantemente apontados como catalisadores desta transformação do setor, Mario Filho e Tomáz Mazzoni.

Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues, começou nos periódicos da família, onde a contragosto do pai, assumiu a página de esportes. Depois, desempregado em função da morte do pai e do fechamento do jornal após o apedrejamento da redação em meio às confusões da revolução de 30, foi convidado por Roberto Marinho a chefiar a equipe esportiva em *O Globo*, aos poucos imprimindo a sua visão do jornalismo.<sup>35</sup> Na empresa dos Marinho, Filho

---

<sup>34</sup> Simultaneamente, Leandro (2003) aponta que, na Bahia, existia um jornalismo informal presente nos informativos distribuídos entre os próprios jogadores relatando jogadas de destaque, custos de equipamento e promovendo a divulgação dos regulamentos dos esportes.

<sup>35</sup> No início de seu trabalho no periódico carioca, observa Stycer (2008), Filho enfrentou uma situação curiosa, na qual dividia a chefia do setor com Netto Machado, cada um responsável por uma página, tão diferentes que

buscou engendrar um jornalismo ágil, “que trazia seus personagens para a cena visível, em entrevistas que pluralizavam socialmente as vozes do esporte e tornavam definitivamente anacrônica a página estática com notícias de superfície e linguagem engomada (WISNIK, 2008, p. 233). Promoveu também mudanças gráficas, acabando com a prática antiga de reunir todas as notícias em um único texto, publicando imagens e caricaturas, e utilizando uma linguagem mais coloquial, mais próxima do leitor popular.

Em 32, Filho funda o seu próprio diário, o *Mundo Esportivo*, fechado com apenas oito meses de vida, e, em 36, com a ajuda de Roberto Marinho, compra o periódico que mais tarde ajudará a transformar em uma das principais referências nacionais da área, o *Jornal dos Sports*. Nele, lançou diversas promoções e concursos para fortalecer a ligação do torcedor com o clube, incentivou a criação de inúmeros campeonatos, como os Jogos da Primavera e o Torneio Rio-São Paulo, e, objetivando a Copa de 1950, tomou a frente na campanha pela construção do maior estádio do mundo no Rio de Janeiro, hoje batizado com o seu nome (STYCER, 2008).

Já Mazzoni, descendente de imigrantes italianos, fez sua carreira em *A Gazeta Esportiva*, onde iniciou em 1928, após um período em *São Paulo Esportivo*, e saiu em 1940, completando dez anos no comando da redação. De acordo com Stycer (2003, p.66-67), sua atuação no periódico perpassa dois movimentos, um no qual ele, através de promoções, sorteios e concursos, “vai estabelecer um diálogo com o torcedor, de uma forma que a imprensa esportiva de São Paulo ainda não havia feito, buscando torná-lo um leitor fiel do jornal”; e outro no qual ele vai combater aquilo que chama de degradação do futebol nacional, o “clubismo” provocado por dirigentes de equipes e pela imprensa, incentivando “rivalidades e ódios desnecessários”.<sup>36</sup> Neste sentido, Mazzoni vai procurar instigar a paixão *saudável* no torcedor e, assim como Mário Filho, aproximar o jornal do leitor através de uma linguagem mais simples, por exemplo, extirpando o costume de designar o jogador por nome e sobrenome ao adotar apelidos para os atletas mais importantes – o que explica termos na seleção um Kaká, e não um Ricardo Izecson.

---

chegavam a emitir opiniões contrárias sobre o mesmo assunto. A divisão não durou muito tempo, sendo resolvida em favor de Mário Filho.

<sup>36</sup> Esta luta contra o *clubismo*, que comumente pedia a intervenção do Estado para resolver a desorganização do esporte nacional, tornou-se alvo de polêmica por deixar entrever uma campanha velada do jornal a favor do governo Vargas. Chega-se mesmo a afirmar que “frases, expressões e palavras presentes nos discursos dos dirigentes do Estado Novo, estão também presentes nas crônicas de Mazzoni” (NEGREIROS apud STYCER, 2003, p. 68).

Podemos ver nos dois algumas das bases sobre as quais a cobertura de esportes se desenvolveu nas décadas seguintes, quando adotou como modelo predominante a crônica desportiva – coloquial, apaixonada, folclórica, cheia de adjetivos e exclamações – cujo auge se deu nos anos 50 e 60, com nomes como João Saldanha, Nelson Rodrigues e Armando Nogueira, coincidindo com a época áurea do futebol romântico. Com o desaparecimento desta fase do jogo, temos também o declínio da abordagem poética da imprensa, para muitos nem mesmo considerado como jornalismo, e sim uma literatura que tem o jornal como suporte, o que abriu espaço para um texto muito mais informativo, imparcial e livre de adjetivações (COELHO, 2008).

Aqui, observa Coelho, a ênfase recai sobre a necessidade de se buscar a verdade objetiva da *notícia* em detrimento ao viés subjetivo das *narrativas* de antes. O foco das pautas também mudou. Diminuiu-se a dominação do relato da partida e se incorporou as reportagens investigativas sobre a economia e política do esporte, partindo do princípio “que o leitor tem o direito de saber como as coisas funcionam” (KFOURI, 2009, p. 09). Por conseguinte, pede-se uma postura muito mais sóbria do jornalista, impelido a manter uma distância cética do assunto tratado, limitando o seu envolvimento emocional no evento para impedir o comprometimento da isenção do seu trabalho. Em outras palavras, exige-se que ele, acima de tudo, evite o clima de euforia e expectativa que muitas vezes cercam uma partida, já que esta agitação frequentemente provoca desvios no papel do profissional. “O público quer que o jornalista informe pura e simplesmente. O jornalista esportivo não precisa torcer com o torcedor e muito menos pelo torcedor” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 46).

A partir deste momento, de acordo com Coelho (2008), e seguindo os pressupostos de Bourdieu, é que efetivamente podemos estabelecer os fundamentos do jornalismo esportivo enquanto um subcampo do jornalismo moderno, postulando os seus agentes (repórteres, editores, plantonistas, cronistas, estagiários, produtores e pauteiros), a sua linguagem particular<sup>37</sup> e o seu material específico (a política e a economia do esporte, a dinâmica das partidas, os regulamentos dos campeonatos, a vida dos estádios e a emoção provocado pelo jogo), e delimitando a sua posição em relação aos outros subcampos do setor, tema que, em razão da conjuntura encontrada, por ora mais nos interessa.

Como assinala Leandro (2003), mesmo com todas as transformações sentidas na área e mesmo tendo algumas das páginas mais lidas dos diários, o jornalismo esportivo é ainda

---

<sup>37</sup> Sobre este tema Cf Barbeiro e Rangel (2006).



frequentemente encarado por seus colegas de profissão como uma matéria de importância bastante reduzida. Fácil, irrelevante, alienante e de baixa significação social são rótulos corriqueiros associados à prática, o que, por muitos anos, determinou a própria existência dos suplementos desportivos. De fato, da década de 60, quando o esporte deixou de ser ignorado pela maioria da chamada grande imprensa, para cá, os principais veículos de comunicação do país “lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram como se tratasse de objeto supérfluo. Gastar papel com gols, cestas, cortadas e bandeiradas nunca foi prioridade” (COELHO, 2008, p. 10).

Ainda hoje, os investimentos no campo continuam baixos. Para se ter uma ideia da situação, a Placar, principal revista brasileira do gênero, que, de acordo com Coelho, chegou a vender 250 mil exemplares em 1972, traz em seu expediente atual (outubro/2009) uma equipe contratada composta somente por um diretor de redação, um redator-chefe, dois editores, um revisor e um estagiário, além de três pessoas envolvidas com o setor de arte, um coordenador e cinco colaboradores. O cenário se repete ao se falar de nível salarial, com o jornalista esportivo levando larga desvantagem em relação a seus colegas das editorias de política ou de economia, áreas consideradas mais *nobres*. Se nas primeiras décadas do século XX o pagamento ocasionalmente se dava por meio de vales-lanche, no início do século XXI não houve tanta modificação assim. Em 2003, O *Lance!*, por exemplo, que em termos de periódico esportivo diário pode ser avaliado o mais expressivo do Brasil, “ainda paga salários muito aquém do mercado: jornalista formado, muitas vezes com mais de três anos dedicados à profissão, recebe 900 reais” (COELHO, 2008, p. 28).<sup>38</sup>

Junto a isso, o profissional de esportes sofre uma pressão contínua absurda ao ter o seu trabalho escrutinado diariamente de forma minuciosa tanto por torcedores, que, por vivenciarem o jogo todos os dias, acreditam saber muito mais que os especialistas, quanto pelos dirigentes, em um convívio ambíguo que vai da concessão de privilégios aos jornalistas, quando a publicação da notícia interessa ao comandante do clube, até a intimidação por via jurídica, quando a notícia revela os negócios ilícitos, infelizmente, tão comuns no futebol. Nos últimos anos, com a explosão de reportagens denunciando os recorrentes esquemas de corrupção envolvendo cartolas<sup>39</sup>, o assédio representado pelos processos tem crescido com grande força, chegando a ser concebido por Nogueira (2003, p. 160) como uma *indústria dos*

---

<sup>38</sup> Dados conclusivos mais recentes não foram encontrados.

<sup>39</sup> Nome pejorativo dado aos dirigentes de clube. Não se sabe exatamente a origem do termo, mas acredita-se que venha de charges da imprensa carioca dos anos 40 que retratavam os presidentes das agremiações com o chapéu no alto da cabeça (NOGUEIRA, 2003).

*danos morais*. Para ele, a imprensa seria uma espécie de ministério público informal, mas como não tem “nem toga, nem prerrogativas, os jornalistas acabam pagando caro”.

Como resultado, a combinação entre poder simbólico reduzido dentro da redação<sup>40</sup>, remuneração deficiente e condições de trabalho difíceis, aliada à diminuição das equipes jornalísticas, cujos cortes geralmente se iniciam pelo suplemento de esportes, “incentiva a migração dos profissionais (para editorias de maior prestígio) e reserva aos remanescentes a condição de ‘especializado em esporte’, quase um estigma, quando o jornalista fica muito associado ao setor” (LEANDRO, 2003, p. 42). Com isso, afirma Leandro, observando o cenário baiano, as equipes de jornalistas esportivos têm apresentado um perfil humano bastante peculiar. Por um lado, elas se tornaram abrigo para funcionários antigos, vistos como *de confiança* para a direção, mas sem perspectivas de serem aproveitados em subcampos mais valorizados. Por outro, elas se instalaram como uma *divisão de base*, partindo do pensamento de que, tido como mais fácil, o trabalho na área serviria para aprimorar a capacidade de observação e a criatividade do sujeito, instrumentalizando-o para a prática jornalística *mais incisiva*.

Embora eu não fosse apropriadamente um agente do campo, já que me encontrava “emprestado” da agência de notícias, era exatamente esta a minha posição no dia da tragédia, o novato que, para usar um jargão da área, está ali para pegar cancha. Naquele momento, porém, além dos obstáculos profissionais tipicamente enfrentados pelos iniciantes, percebi em mim uma dificuldade muito grande em realizar o que Barbeiro e Rangel (2006) chamam de grande desafio do jornalista esportivo, a separação entre emoção e profissão. Como mostro em variados trechos do texto apresentado, por diversas vezes esta cisão se fez impossível para mim. Porém, não demorei em notar, muitos de meus colegas, jovens ou não, também partilhavam da mesma confusão de papéis.

Meu objetivo principal neste Trabalho de Conclusão de Curso foi justamente, a partir de um relato bastante pessoal, expor esta situação complicada vivenciada pelos jornalistas de esportes, que se verteu ainda mais potencializada em um momento de choque absoluto como foi o evento retratado. Tentei, neste sentido, descrever o modo como este problema se dá, especialmente no novato, que, fruto da inexperiência, ainda não desenvolveu as barreiras e

---

<sup>40</sup> Até recentemente, a grande maioria das empresas mantinha as editorias de esporte em espaços marginalizados da redação. O *Correio da Bahia* e o *A Tarde*, por exemplo, somente extinguiram esta prática no decorrer dos últimos três anos.

defesas que o afastam do conflito emocional, não procurando respostas, mas objetivando criar um elemento ilustrativo concreto que pudesse fomentar o debate.

Para perseguir uma meta como essa, a linguagem é item fundamental e, diante da necessidade de narrar uma questão essencialmente interna, não foi difícil entender que certos elementos *literários* precisavam estar presentes no projeto.

### **Jornalismo Literário**

Ao contrário do que alguns autores tentam pregar, talvez na tentativa de valorizar o próprio trabalho, a simbiose entre jornalismo e literatura não é nenhuma novidade. É, na verdade, um expediente antigo, muito menos identificado com os dias de hoje do que com os primeiros passos da imprensa nos séculos XVIII e XIX, quando, como mostra Pena (2008, p. 28), “escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não apenas comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais”.

Mais do que isso, a literatura foi em realidade uma das primeiras fontes de renda dos periódicos, que conseguiam incrementar suas vendas a partir da publicação ostensiva dos *folhetins*, romances seriados cuja estrutura repleta de reviravoltas, dramaticidade e desfechos misteriosos seduzia o leitor e o tornava um fiel consumidor dos diários. Muitos dos principais nomes das letras vieram deste ambiente. Balzac, Dickens, Victor Hugo, Dostoiévski, Tolstói, Machado de Assis e José de Alencar são alguns deles.

Gradativamente, indica Lage (2006), esta abordagem jornalística mais literária, e também mais subjetiva, dando margem ao publicismo<sup>41</sup> e ao sensacionalismo, perdeu espaço, seguindo as exigências sociais por uma imprensa mais objetiva e, principalmente, informativa. Assim, postulou-se um jornalismo onde a notícia deveria ser uma reprodução de falas das fontes, que deveriam ser confrontadas com versões de diferentes atores e com as quais o relacionamento deveria ser estritamente profissional, extinguindo-se a troca de favores e privilégios entre repórteres e agentes sociais. Com isso, “a notícia ganhou sua forma moderna, copiando o relato oral dos fatos singulares, que, desde sempre, baseou-se, não na narrativa em sequência temporal, mas na valorização do aspecto mais importante do evento”

---

<sup>41</sup> Termo utilizado para designar o jornalismo utilizado como forma de propagação de ideais políticos e/ou pessoais, baseado na pretensão de interpretar e orientar o mundo cotidiano. Lênin, através do Pravda (que, em português, significa Verdade) e Carlos Lacerda no Tribuna da Imprensa são alguns exemplos de publicistas (LAGE, 2001).

(LAGE, 2006, p. 18), o que se evidencia de forma emblemática na criação do *lead* e do *esquema da pirâmide invertida*.

Falar destes elementos, a esta altura do campeonato, é por certo redundante. Supostamente nascidos<sup>42</sup> em meio às dificuldades técnicas da Guerra Civil americana (1861-1865), quando os editores exigiam que as informações essenciais viessem logo no primeiro parágrafo para que não houvesse o risco delas se perderem em caso de interrupção dos telégrafos, os dois possuem importância incalculável para o jornalismo moderno. Transformaram o modo de se apresentar da imprensa, instigaram um caráter de cientificidade na notícia, não mais vista como opinião do editor, mas como a verdade dos fatos, e regulamentaram estratégias de defesas dos profissionais. Em pouco tempo, porém, construíram também uma prisão narrativa que terminou por engessar o texto jornalístico, gerando por fim certa insatisfação entre alguns repórteres desejosos em escrever estórias mais elaboradas, cuja liberdade criativa pudesse dar vazão a uma linguagem mais *viva* (PENA, 2008).

Isoladamente, aponta Gomes et al (2004), o Brasil do início do século XX já preconizava este tratamento *diferenciado* do fato. Primeiro com Euclides da Cunha e seu *Os Sertões* (1902), originalmente uma série de reportagens para *O Estado de São Paulo*, depois com João do Rio, pseudônimo de João Paulo Barreto, profissional que aliou uma abordagem literária da notícia com uma observação profunda da realidade, uma apuração cuidadosa e um relacionamento franco com as fontes. No entanto, o início de uma prática sistemática com narrativas mais ousadas no país se dá somente nas décadas de 40 e 50, auge da revista *O Cruzeiro*, que, com a queda do Estado Novo, passou a se dedicar a reportagens mais extensas e aprofundadas, o que mais tarde se revelou uma enorme falácia, já que muitas das apurações refinadas da publicação saíam da cabeça de seus repórteres.

Ao lado de *O Cruzeiro*, a revista *Diretrizes* (de Samuel Wainer e que contava com Joel Silveira entre seus colaboradores), a *Manchete* e a *Fatos & Fotos*, além de periódicos como *O Jornal*, *Diário Carioca*, *Correio da Manhã* e *O Globo*, também investiram em reportagens ampliadas. Nenhuma delas, porém, alcançou o reconhecimento de *Realidade*, lançada pelo grupo Abril em meados da década de 1960, trazendo diversas inovações estilísticas, temáticas e editoriais, fundamentando-se nas experiências reais vividas *in loco* pelos próprios jornalistas, que tinham independência para imprimir o seu tom pessoal nas matérias.

---

<sup>42</sup> Há uma corrente que aponta a Grécia Antiga como berço, ou pelo menos como fonte de influência, do *lead* e da *pirâmide invertida*. Sobre este tema, Cf Gomes et al (2000).

O papel da *Realidade* era dizer as coisas que não eram ditas, fazer as perguntas que não eram feitas. Os jovens se entusiasmaram e se tornaram um grande público: adolescentes, universitários e jovens adultos (...). A circulação da revista era de meio milhão de exemplares vendidos em bancas. Tivemos três edições esgotadas. (CIVITA *apud* GOMES et al, 2004).

Tamanho sucesso durou pouco tempo, contudo. O primeiro golpe veio com o AI-5, que modificou as relações de trabalho, causou a demissão de toda a equipe da revista e forçou o banimento de muitos dos temas *subversivos* presentes na publicação. A censura subsequente, aliada a “intensificação do processo de produção industrial dentro das redações” (GOMES et al, 2004, p. 50-51), restringindo a relativa autonomia autoral dos jornalistas, agravou ainda mais a situação, levando a um pedido de demissão em massa dos profissionais. Assim, a revista foi perdendo terreno dentro da editora, que passou a dar mais atenção a um de seus investimentos mais volumosos, a *Veja*, e, no início da década de 70, *Realidade* foi finalmente encerrada.

O *Jornal da Tarde* também foi uma referência do período, indo na direção oposta a sisudez de outros periódicos, meta já expressa em seu primeiro editorial, que prometia um jornalismo vibrante e irreverente. “Acusado de procurar ‘um estilo de vida’ ao invés de informar, o *Jornal da Tarde*, no entanto, tinha como principal mérito possibilitar ao repórter a manifestação da criatividade no texto e no conteúdo da informação no curto espaço da grande imprensa (GOMES et al, 2004, p. 54). Dirigido inicialmente por Mino Carta, o vespertino conheceu seu auge entre os anos de 66 e 77, apoiando-se em um híbrido de revista semanal e periódico diário, mas eventualmente cedeu às pressões industriais por uma imprensa mais *rápida*.

É nos Estados Unidos, contudo, em um contexto mais favorável, que esta tendência por um trabalho autoral vai se desenvolver em um formato denso, efetivamente se consolidando na forma de um movimento, o *Novo Jornalismo*<sup>43</sup>. Segundo Andretta (2008), as bases de uma corrente jornalística realmente identificada com a literatura começam a se estabelecer em território norte-americano em dois momentos distintos: em 1946, com *Hiroshima*, de John Hersey e, dezanove anos depois, com *A Sangue Frio*, de Truman Capote.

As duas obras, ambas publicadas pela revista *The New Yorker*, a primeira contando a história de seis sobreviventes da bomba atômica, a segunda descrevendo o homicídio de uma

---

<sup>43</sup> A rigor, o termo *novo jornalismo* foi utilizado bem antes, ainda no século XIX, mas de maneira pejorativa, em uma tentativa de ridicularizar WT Stead, editor da Pall Mall Gazette que ficou conhecido por suas reportagens participativas, chegando mesmo ao extremo de comprar uma garota de 13 anos para poder denunciar a prostituição infantil. (PENA, 2008).

família e a conseqüente prisão dos assassinos, mais do que um simples relato da notícia, “exploravam as características psicológicas de seus personagens, bem como utilizavam a linguagem literária para atingir as emoções dos leitores” (ANDRETTA, 2008, p. 30). Para tanto, não abriam mão de descrições detalhadas de cenas, ações e indivíduos, largamente se apoiando em figuras de linguagem e adjetivos.

No final da década de 1960, de acordo com Pena (2008), este tipo de experiência proposto por Hersey e Capote ganha volume, motivando cada vez mais entusiastas a seguirem o mesmo caminho, o que acabou culminando com um manifesto do novo jornalismo, delineado por Tom Wolfe em 1973. Nele, o escritor de *Fogueira das Vaidades* incita os repórteres a fugirem das amarras da imprensa objetiva, tornando-se mais ousados, subjetivos e ágeis e se livrando da escravidão perpetuada pelos manuais de redação. Por conseguinte, diz Wolfe, quatro recursos básicos devem ser observados na construção do texto: reconstrução passo a passo da história, registro de diálogos completos, apresentação das cenas por perspectivas distintas e exposição ampla de hábitos, trejeitos, roupas e gestos das personagens.

Pela necessidade de espaços maiores para o desenvolvimento das reportagens, as revistas tornaram-se o *habitat* do novo jornalismo. Além da já citada *The New Yorker*, revistas como *True*, *Life*, *Esquire*, *The Village Voice* e *Rolling Stones* investiram no filão (GOMES et al, 2004). Não tardou, entretanto, para que eles arriscassem vãos mais altos e procurassem abrigo nos livros-reportagens, que, segundo Lima (1995), em função da liberdade em relação à ditadura dos centímetros, ao corte abrupto do *deadline* e à linha editorial dos veículos, é o ambiente privilegiado para que o autor explore novas linguagens, experimente temas inusitados e crie narrativas diferenciadas.

A influência deste movimento, porém, rapidamente extrapolou o seu espectro de ação, instalando um gênero autônomo. Este novo campo, alerta Pena (2008, p.14), apesar de ter se fundamentado em uma negação ao *lead* e a pirâmide invertida, ultrapassou com folga esta fronteira. O jornalismo literário, observa o autor, na verdade, sempre perseguindo valores caros à profissão como veracidade e ética, propõe uma potencialização dos recursos da imprensa, alargando a visão da realidade ao “contextualizar a informação da forma mais abrangente possível”. Balizando-se por este objetivo, busca exercer a cidadania, criar alternativas de leitura e dar voz a pontos de vistas antes ignorados, rompendo ao final com a mera descrição dos eventos cotidianos e imediatos, força essencial dos diários.

Guardadas as devidas proporções, *O Mais Longo Domingo de Novembro* tenta se instalar dentro desta tradição, encontrando seu lastro em, principalmente, três das características elencadas por Pena: a ampliação da realidade, a criação de leituras alternativas, enfatizando a fonte “anônima”, e a quebra com o princípio de atualidade da imprensa tradicional. Estas características revelam-se na própria maneira como escolhi narrar o produto, descrevendo detalhadamente um espaço de tempo maior do que o curto período onde se deu o acidente, embora, é claro, isso não signifique mostrar todas as visões possíveis.

Deste modo, tento me concentrar em uma figura que até pouco tempo não era nem mesmo admitida nas redações, o estagiário, ou melhor, o estudante de jornalismo, inexperiente, afoito, inseguro, que deixa se levar pela emoção e vive a experiência jornalística de maneira irrefutavelmente intensa, fazendo com que cada ato influencie não apenas o seu olhar profissional, mas principalmente o seu caráter enquanto indivíduo.

## Processo de Trabalho

No primeiro semestre de 2009, um grande colega de faculdade, Victor Uchôa, transcreveu em seu Trabalho de Conclusão de Curso uma entrevista informal feita por ele com o romancista português Antônio Lobo Antunes que resumia perfeitamente o que eu pensava sob o ato de colocar uma história no papel. “Escrever dói”, disse Antunes. “É muito árduo. Temos que achar as palavras exatas. Eu não gosto de escrever. Eu gosto mesmo é de ter escrito”. Diante disso, foi no mínimo surpreendente perceber o entusiasmo que eu sentia ao produzir o meu livreto, chegando ao cúmulo de, em duas ocasiões, passar quatorze horas quase ininterruptas na frente do computador.

Não quero com isso, porém, dizer que o percurso correu sem problemas, pelo contrário. Os transtornos começaram já na primeira fase do projeto, a definição do plano de trabalho. Ainda confuso em relação ao tema, eu tinha apenas uma noção do que queria abordar quando procurei a prof<sup>a</sup>. Malu Fontes para uma primeira reunião, e ela é que me fez enxergar a principal questão do texto, a dificuldade do jornalista em separar a esfera profissional da pessoal e da emotiva, ainda mais se tratando de um sujeito com pouquíssima experiência na área. Mostrar este assunto, no entanto, na medida em que a personagem principal era eu mesmo, implicava expor e ser julgado por muitas das minhas falhas e medos enquanto jornalista, e levou tempo até que eu me acostumassem com a ideia

Neste período, tomei conhecimento de um livro que, no final das contas, se tornou uma das principais inspirações para o trabalho: *Anatomia de uma Derrota*, no qual Paulo Perdigão narra a catástrofe sentimental causada pela derrota brasileira na final da Copa de 50 em pleno Maracanã. Para Wisnik (2008, p. 246), este livro “é um clássico da obsessão: o autor, então com onze anos, que estava no estádio no dia do jogo, se vê capturado numa perda em queda livre cujo luto parece não caber numa vida inteira”. Lá, morte simbólica. Na Fonte Nova, morte física. Em comum, eventos potencializados por expectativas monstruosas, mas interrompidos bruscamente por uma situação negativa. Explicitar como esta emoção descrita por Perdigão se aplica no episódio retratado por mim foi o grande desafio do trabalho, e também o fio condutor das entrevistas realizadas.

As conversas tiveram início em julho de 2009 e se estenderam até a primeira quinzena de agosto. Foram, em geral, informais. Três foram realizadas no prédio do jornal A Tarde (Paulo Oliveira, Nelson Barros Neto e Cláudio Silva), uma na Facom – UFBA (Gabriel



Costa<sup>44</sup>), uma na casa do entrevistado (Felipe Paranhos), uma por programa de bate-papo na internet (Theônio Freitas) e uma por telefone (Alan Dias). Nem todas as fontes viraram personagens do livro. Certas falas serviram somente para esclarecer ou confirmar informações mencionadas por outras pessoas.

Este momento foi, sem dúvida, um dos mais importantes da pesquisa. Como indica Belo (2006, p. 101), é ela quem “dá ao autor a possibilidade de observar o gestual, o comportamento, o modo de viver daquela fonte. O contato direto também aproxima as fontes um pouco mais da sinceridade”, o que de fato pude comprovar. Alguns, como Gabriel Costa, por exemplo, tiveram reações que eu estava longe de esperar, emocionando-se bastante ao relembrar as histórias daquele dia e falar sobre seu relacionamento com o Bahia. Outras me deram verdadeiras aulas sobre jornalismo, caso de Paulo Oliveira, Secretário de Redação de *A Tarde*. Só com sua entrevista dava para escrever outro livro. Apesar de não ter sido citado no decorrer da redação, Felipe Paranhos também teve um papel de destaque nas conversas, discutindo a importância da emoção no fazer jornalístico.

Junto a esta fase, para compreender o campo no qual eu pretendia inserir meu trabalho, assisti constantemente filmes que explicitassem os percursos e dificuldades do processo de construção das notícias, como, por exemplo, *Todos os Homens do Presidente* (1976), *O Quarto Poder* (1997) e *Mera Coincidência* (1997). Iniciei também a leitura de jornais publicados em 2007 e de notícias veiculadas nos meses seguintes sobre o desenrolar do processo judicial contra os administradores do Octávio Mangabeira, a fim de entender o quadro complexo no qual o acidente se instalava. Destes textos, uma característica em especial me chamou a atenção, a presença constante de duas correntes narrativas, uma denunciando as deficiências conhecidas do estádio, outra apontando os possíveis rumos do equipamento. Com isso, tentando evitar uma repetição temática desnecessária, e querendo retomar um viés que parecia esquecido pela imprensa, decidi seguir por caminho inverso, relatando *exclusivamente* o que aconteceu naquele dia, tendo como meta a construção de um retrato fiel da expectativa, da vibração e da frustração experimentada pelas pessoas que estavam na Fonte Nova naquele 25 de novembro de 2007.

No final de agosto de 2009, já de posse das informações mais essenciais para o trabalho, comecei a escrever o livro, sempre tentando me fiar pelo preceito de que “escrever

---

<sup>44</sup> Nome modificado a pedido da personagem. A mudança foi mantida em todas as instâncias desta produção para preservar a fonte.

uma reportagem não é enumerar fatos mecanicamente, mas sim dar vida a uma história real” (BELO, 2006, p. 118), e isto talvez tenha sido o ponto mais complicado do processo. Inúmeras vezes, principalmente ao redigir os diálogos, senti aquela vontade latente de florear a verdade para que ela fique mais apresentável, tática usada a exaustão pela revista *O Cruzeiro* (GOMES et al, 2004). Para fugir deste dilema, estabeleci uma regra dizendo que, se a informação não pudesse ser apresentada com a máxima exatidão possível, ela seria descartada. Boas histórias foram perdidas assim, mas não tenho dúvida que esta decisão fez a reportagem ser valorizada. Nem poderia ser diferente, já que não existe propriedade mais cara ao jornalismo do que a verdade (PENA, 2008). Se incoerências ainda persistem, tenho certeza de que são involuntárias.

Decisão tomada, a redação fluiu consideravelmente. Em pouco mais de três semanas, o miolo do produto já estava pronto. As revisões, contudo, foram constantes, tendo como base os comentários de minha orientadora e de meus amigos, que eu incomodava constantemente com meia dúzia de versões distintas do mesmo trecho, uma praticamente igual a anterior. Ainda que tenha sido bastante exaustivo, este momento foi também muito intenso, me dando a oportunidade de refletir sobre quase todas as etapas vividas na faculdade.

O início tímido em Oficina de Comunicação Escrita, a polêmica com o nome *Merda* no Jornal Laboratório, cuja primeira capa saiu de uma foto minha depois que o prof. Fernando Conceição mandou que eu fizesse uma imagem estilo *Pierre Verger*, os programas divertidíssimos na Rádio Facom e as conversas travadas nas tardes no LabFoto, tudo surgiu a mente, e tentei imprimir um pouco do que aprendi de cada experiência no texto final. Claro que muito do que escrevi está também impregnado com o que presenciei dentro da *Agência A Tarde*, que, é preciso dizer, teve papel fundamental na minha formação humana e profissional.

Passada esta fase, onde o projeto dependia unicamente de mim para sua realização, tive que recorrer a alguns amigos para a finalização do produto. A diagramação foi feita por Jônathas Araújo, que sugeriu a fonte Arno Pro Regular tamanho 13 para o corpo do texto. A intenção foi criar um produto de leitura rápida, que passasse uma noção de agilidade, tal qual a enfrentada pelos jornalistas no episódio retratado, expediente que também nos levou a escolher por uma página limpa, com espaçamento amplo entre linhas e caracteres, apoiando-se no formato A5 (21 X 14,8 cm). Já a capa foi produzida por Danilo Hausen Melo, tendo como objetivo expressar uma certa inocência suplantada pelo peso das faixas pretas que cortam a imagem. Todos os dois realizaram o serviço voluntariamente.

Deste modo, consegui uma significativa redução de custos, que ficou limitada aos gastos com impressão dos exemplares para a banca, impressão deste memorial, consumo de gasolina, itens de papelaria, alimentação e compra de livros para embasamento teórico do material, como expresso na planilha abaixo.

<b>ITENS</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>VALOR (R\$)</b>
Impressão de exemplares para a banca	03 cópias	114,00
Impressão do Memorial	03 cópias	54,55
Consumo de gasolina	50 litros	120,00
Papelaria (classificadores e adesivos)	03 exemplares cada	24,00
Alimentação	05 diárias	75,00
Livros	10	346,70
<b>Total</b>		<b>734,25</b>

## Apito Final

Não me lembro da primeira vez em que estive na Fonte Nova. Lembro apenas que estava lá em dezembro de 93, final do Brasileirão, quando o Vitória decidiu o título contra o Palmeiras, e eu me sentei espremido entre meus pais, achando que a Bahia inteira estava dentro daquele estádio. Do jogo, nada se guardou. Pouco prestei atenção, para falar a verdade. Estava muito mais preocupado em devorar uns roletes de cana intercalados com pedaços generosos de sorvete de tonel. Quando a partida terminou e fui para casa deitado no banco de trás de um Fiat Uno, que era largo o suficiente para caber meu corpo todo, tudo o que eu queria saber o que diabos aqueles sujeitos portando microfones faziam em volta do gramado.

A resposta só me veio quatorze anos depois, surgida de repente enquanto eu estava parado ao lado do círculo central do Octávio Mangabeira observando a multidão enlouquecida que comemorava o acesso do Bahia para a segunda divisão do campeonato nacional. Dois anos se passaram até que eu pudesse descrever em palavras o que pensei naquele momento, mas, mesmo assim, sei que falta muito para eu poder abarcar toda a complexidade do caso, e talvez eu nunca consiga.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apenas a minha primeira abordagem ao tema. Algumas dúvidas foram esclarecidas, outras surgiram, o que terminou sendo um saldo mais do que positivo. Graças a este projeto, encontrei uma oportunidade extraordinária para expor um tema que me fascina diariamente, seja assistindo às mesas-redondas de segunda-feira à noite, seja acompanhando os gritos de Galvão Bueno nos jogos da seleção. Dizem que este amor diminui quando se mergulha fundo nas suas entranhas. Comigo aconteceu o contrário. Agora é que ele se tornou vivo de verdade.

O legado deste TCC é, para mim, realmente profundo. Com ele, pela primeira vez tive uma chance real de analisar, delinear e entender esta profissão, que, por uma conjuntura astral me deixando a uma vaga do curso de cinema da UnB, resolvi abraçar de vez. O destino quis assim e tenho que agradecer por ele ter agido certo. Hoje, embora eu esteja afastado das redações por uma escolha pessoal, é impossível desassociar jornalismo de minha vida. Mesmo em um ônibus lotado, meu ouvido nunca desliga. Vai lá saber onde a notícia pode aparecer.

Foi um percurso complicado até atingir este estágio. Passei por fotografia, rádio, jornalismo online e impresso. Somente a televisão ficou de fora, mas essa eu deixo para os

rapazes mais bem apessoados seguirem. Em cinco anos de faculdade, fiz coisas que muita gente leva a vida inteira para fazer. Conheci pessoas alucinadas, aprendi os truques da “maquiagem” digital, viajei para Abrolhos, Cachoeira, Cruz das Almas, visitei um engenho abandonado, frequentei uma rádio, virei noites estudando, briguei por causa de trabalhos, me diverti pelos corredores e fiz grandes amigos, e é gratificante perceber o quanto isto contribuiu não apenas para minha formação profissional, mas também para a constituição do meu próprio caráter.

Minha maior satisfação é perceber que meus objetivos na graduação foram plenamente alcançados. No momento em que entrei pelos corredores da Facom, o final desta fase parecia ser a meta mais distante do mundo. Agora que a etapa alcança seu fim, é inacreditável o quanto ela passou rápido.

## Bibliografia

ANDRETTA, Cyntia Belgini. **A relação entre jornalismo e literatura em 3 romances-reportagens**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008. Disponível em:

<<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000436251>>. Acesso em: 12 out. 2009.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006. 188 p.

BARROS NETO, Nelson; GRAMACHO, Herbem. **Esporte clube bahia: a derrocada do “clube nascido para vencer”**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007. 108 p.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. 140 p. (Coleção Comunicação)

BOTELHO, Luiz. **História do futebol baiano**. Disponível em:

<<http://historiadofutebolbaiano.zip.net>>. Acesso em: 01 nov. 2009.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008. 120 p. (Coleção Comunicação).

DIAS, Karlo; OLIVEIRA, Rodrigo; VASCONCELOS, Fábio. **Fonte de emoções: tempo e narrativa do estádio Octávio Mangabeira (1951 - 2008)**. Trabalho de Conclusão de curso, Centro Universitário da Bahia. Salvador, 2008. 63 p.

FERNANDES, Bob. **Bora bahêee!: a história do Bahia contada por quem a viveu**. São Paulo: Dba Artes Gráfica, 2003. 255 p.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 433 p.

GIACOMINI, Conrado. **São Paulo: dentre os grandes, és o primeiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. 323 p.

GOMES, Felipe Salés; COSTA, Klenio Veiga da; BATISTA, Renata Lourenço. **Jornalismo narrativo: eficiência e viabilidade na mídia impressa**. Campos, RJ: Centro Universitário

Fluminense, 2004. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/costa-klenio-jornalismo-narrativo.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2009

HORNBY, Nick. **Febre de bola: a vida de um torcedor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 245 p.

KFOURI, Juca. **Por que não desisto: futebol, dinheiro e política**. Org. Márcio Kroehn. Barueri, Sp: Disal, 2009. 145 p..

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 323 p.

LEANDRO, Paulo. **O Jornalista e o cartola: O jornalismo esportivo impresso na bahia e sua resistência ao campo da política**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1995.

NOGUEIRA, Armando. **A Ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 196 p.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008. 142 p. (Coleção Comunicação)

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000183339>>. Acesso em: 28 set. 2009.

RISÉRIO, Antônio. **Uma história da cidade da Bahia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004. 619 p.

SANTOS, Henrique Sena dos. **Futebol e cultura popular em Salvador, 1905 - 1915**. In: 5º ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/18376.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2009.

STYCER, Maurício. **História do Lance: Projeto e prática do jornalismo esportivo**. São Paulo: Alameda, 2009. 323 p.

TORO, Camilo Aguilera. **O espectador como espetáculo: notícias das torcidas organizadas na Folha de São Paulo (1970 - 2004)**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

Disponível em:

<<http://libdigi.unicamp.br/document/results.php?words=O+espectador+como+espet%Elculo>>. Acesso em: 28 set. 2009.

UCHÔA, Victor. **O viajante aprendiz: impressões de um mochileiro em terra estrangeira**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009. 27 p.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 445 p.

### **Periódicos**

MADEIRA, Fabiane. **Reformas na Fonte Nova eram prioridade de secretaria**. São Paulo: Portal Terra, 2007. Disponível em:

<<http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro2007/interna/0,,OI2102915-EI8819,00.html>>. Acesso em: 04 ago. 2009.

JORNAL A TARDE. **Dor e desespero substituem gritos de alegria**. Salvador, 05 mar. 1971.

BARROS NETO, Nelson. **Juíza e Sudesb se calam sobre acusações do MP**. Salvador: Jornal A Tarde, 2007.

ROCHA, Vítor. **Custo da arena já está estimado em R\$ 639 mi**. Salvador: Jornal A Tarde, 2009.